

# Para além da “descoberta” do Brasil



INVADINDO A  
VERSÃO DOS  
“VENCEDORES” COM  
QUADRINHOS E  
HISTÓRIA INDÍGENA



---

Bruna Mozini Subtil  
Marcelo Durão Rodrigues da Cunha

## INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO

**JADIR JOSÉ PELA**

Reitor

**ANDRÉ ROMERO DA SILVA**

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação

**RENATO TANNURE ROTTA DE ALMEIDA**

Pró-Reitor de Extensão

**ADRIANA PIONTTKOVSKY DE BARCELLOS**

Pró-Reitora de Ensino

**LEZI JOSÉ FERREIRA**

Pró-Reitor de Administração e Orçamento

**LUCIANO DE OLIVEIRA TOLEDO**

Pró-Reitor de Desenvolvimento Institucional

**IFES – CAMPUS VITÓRIA**

**HUDSON LUIZ CÔGO**

Diretor Geral

**MÁRCIO ALMEIDA CÓ**

Diretor de Ensino

**CHRISTIAN MARIANI LUCAS DOS SANTOS**

Diretor de Extensão

**ROSENI DA COSTA SILVA PRATTI**

Diretora de Administração

**MÁRCIA REGINA PEREIRA LIMA**

Diretora de Pesquisa e Pós-Graduação

**NELSON MARTINELLI FILHO**

Coordenador do PPGEH

## REALIZAÇÃO

IFES - Campus Vitória.

Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades.

Copyright © 2025 by Instituto Federal do Espírito Santo.

Todos os direitos reservados.

É permitida a reprodução parcial desta obra, desde que citada a fonte.

Conteúdo dos textos: responsabilidade exclusiva dos autores.

Capa, projeto gráfico e diagramação: Edjalma Nepomoceno Pina.

Imagens da capa: recortes adaptados dos quadrinhos "Infância do Brasil", de José Aguiar (2017) e "Crônicas Ameríndias", de Gustavo Schimpp e Enrique Alcatena (2021).

---

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Nilo Peçanha do Instituto Federal do Espírito Santo)

---

SU941 Subtil, Bruna Mozini.

Para Além da "descoberta" do Brasil: invadindo a versão dos "vencedores" com quadrinhos e história indígena [recurso eletrônico]. / Bruna Mozini Subtil, Marcelo Durão Rodrigues da Cunha. – 1. ed. - Vitória : Instituto Federal do Espírito Santo, 2025.

87 f. : il. ; 30 cm.

ISBN: 978-85-8263-974-0 (E-book)

1. Ensino de História. 2. História indígena. 3. Histórias em quadrinhos. 4. Colonialismo. 5. Educação antirracista. I. Cunha, Marcelo Durão Rodrigues da. II. Instituto Federal do Espírito Santo. IV. Título.

CDD 21 – 907.1

---

Elaborada por Wagner Ayrão de Castro – CRB-6/ES – 1.005



PPGEH  
Mestrado Profissional  
em Ensino de Humanidades  
Instituto Federal do Espírito Santo



## DESCRIÇÃO TÉCNICA

Nível de ensino a que se destina o produto: Ensino Fundamental II.

Área de conhecimento: Ensino.

Público-alvo: professores(as) do Ensino Fundamental II e estudantes.

Categoria deste produto: PTT1.

Finalidade: socializar a história indígena do Espírito Santo e instruir docentes sobre as possibilidades de uso das HQs em aulas que trabalhem uma perspectiva histórica não eurocêntrica.

Organização do produto: o produto foi estruturado a partir de seções e subseções com história indígena capixaba, possibilidade de análise de uma história em quadrinhos e de atividades.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica com ISBN (E-book) e Licença Creative Commons (Educapes).

Disponibilidade: irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: meio digital.

Impacto: alto. Produto elaborado a partir das necessidades dos estudantes de compreender suas raízes indígenas, com o objetivo

de proporcionar outras possibilidades de ensino.

Inovação: alto teor invocativo. O produto apresenta dados que ainda não tinham sido catalogados em nenhum outro material pedagógico do sistema de ensino local.

Origem do produto: associado à dissertação de mestrado intitulada, *A consciência histórica e o ensino de história: os quadrinhos “A Infância do Brasil” e “Crônicas Ameríndias” como recursos didáticos*, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino de Humanidades do Instituto Federal do Espírito Santo.

Idioma: português.

País: Brasil.

Ano: 2025.

Agradecemos à FAPES pelo financiamento deste trabalho através do Edital Universal Nº 28/2022, Projeto de Pesquisa 988/2023, título do projeto: *Consciência histórica e crítica ao eurocentrismo: possibilidades de emancipação ético-crítica no ambiente escolar capixaba*. Projeto de Pesquisa P:2023-ZSZWQ - 2023-ZSZWQ

### PRODUTO DISPONÍVEL EM:

<https://ppgeh.vitoria.ifes.edu.br/>

### REPOSITÓRIO EDUCAPES:

<https://repositorio.ifes.edu.br/>

# AUTORES



## Bruna Mozini Subtil

Mestra em Ensino de Humanidades - PPGEH/IFES. Pós-Graduada em Educação pela FABRA. Licenciada e bacharel de História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Professora da rede municipal da Serra - ES. E-mail: bruna\_mozini@hotmail.com



## Marcelo Durão Rodrigues da Cunha

É professor do Instituto Federal do Espírito Santo (IFES-Campus Guarapari) e professor permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades (PPGEH/FES). Bolsista Produtividade - BPC FAPES 553/2023 P 2023-H7CC3. E-mail: marcelo.cunha@ifes.edu.br

## APRESENTAÇÃO

Este produto educacional é resultado da pesquisa de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Humanidades - PPGEH do Instituto Federal do Espírito Santo. Pensado no formato de e-book, o material vai discutir o uso dos quadrinhos no ensino de História, analisando uma dentre as várias possíveis práticas educativas capazes de relacionar as HQs e a história indígena.

O trabalho com os quadrinhos na sala de aula é seguido e orientado por sugestões e questões a serem discutidas e refletidas pelos estudantes, servindo como meio para interpretar a história brasileira por um olhar não europeu e sem as amarras do colonialismo. Entretanto, é importante destacar que este está longe de ser um modelo fixo e indiscutível sobre a prática nas aulas de História.

Assim, nos dedicamos a compreender, por meio da aplicação de uma proposta didática, como as histórias em quadrinhos (HQ's) potencializam a construção de um conhecimento histórico, mais crítico e próximo das carências de orientação dos discentes.

Que esse material possa servir de inspiração para outras práticas na sala de aula que buscam, em alguma medida, repensar como os ameríndios são representados em nossa história desde quando essa terra ainda se chamava Pindorama.

Boa leitura!





# SUMÁRIO



## PARTE I PARA OS ESTUDANTES

- 7 Introdução
- 10 “Índio ainda existe?”: aprendendo palavras que respeitam
- 14 Vamos aprender sobre alguns desses povos?
- 28 E o que aconteceu com os povos indígenas do Espírito Santo?

## PARTE II PARA OS(AS) PROFESSORES(AS)

- 35 Um ensino de História para além do eurocentrismo
- 39 Resignificando os quadrinhos
- 74 Resignificando os quadrinhos nas aulas de História
- 84 Considerações finais



## INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, nas aulas de história, os quadrinhos se tornaram uma ferramenta importante para incentivar o pensamento crítico dos estudantes. Eles são usados como fontes históricas e materiais de ensino.

No entanto, para desenvolver um pensamento histórico mais profundo, os quadrinhos não devem ser usados apenas para ilustrar ou reforçar o conteúdo das aulas. Os estudantes não precisam se tornar historiadores, mas devem entender as diferentes maneiras como os quadrinhos representam a história e, quando possível, questionar essas representações.

Assim, como os quadrinhos brasileiros podem ser usados para superar uma visão eurocêntrica do nosso passado? É nesse sentido que foi escolhida a temática indígena, já que dentre as consequências do colonialismo no Brasil estão: o racismo, a desigualdade e a marginalização da cultura dos povos originários.

Entendemos que a narrativa dos “vencedores” predomina,

em certa medida, até os dias atuais em livros didáticos e, por isso, acreditamos que esse tema se torna relevante de ser repensado na sala de aula e na sociedade como um todo.

No entanto, para além de uma narrativa dos “vencedores” que domina o estado do Espírito Santo, existem outras interpretações tradicionais que ainda são naturalizadas sobre a história do Brasil. Uma delas é justamente sobre o “começo” da história brasileira, em que podemos questionar: quando a nossa história se inicia? Com a chegada dos portugueses no que hoje chamamos de Brasil ou quando os povos originários já denominavam essa terra de Pindorama?

Para introduzir reflexões sobre essa temática, mobilizamos duas histórias em quadrinhos: *A Infância do Brasil*, de José Aguiar (2022), e *Crônicas Ameríndias*, de Gustavo Schimpp e Enrique Alcatena (2021).

Com isso, este produto educacional foi dividido em duas partes: uma direcionada aos estudantes e outra para os(as) professores(as) de história.

Na parte que terá como público alvo os estudantes, em que serão apresentados povos indígenas do Espírito Santo, poderemos perceber a importância de conhecer nossas próprias raízes para preservar as histórias, florestas, crenças e terras dos povos que viveram aqui antes de nós.

Sobre a parte dedicada aos docentes, introduzimos como estamos vendo as práticas educativas no ensino de História

e com base em quais autores. Em seguida discutimos como analisar uma história em quadrinhos e, por fim, na última seção, apresentamos a proposta didática construída e os resultados da pesquisa.

Para que possamos compreender um pouco mais sobre as lutas dos povos originários nos dias de hoje, também é necessário aprender mais sobre a história indígena. A ausência dos ameríndios na história brasileira tem relação direta com a condição desses povos atualmente e a dificuldade de ter seus direitos atendidos e reconhecidos pelo poder público.





# **PARTE I**

**PARA OS ESTUDANTES**



## CAPÍTULO I

# “Índio ainda existe?”: aprendendo palavras que respeitam

Você sabia que os portugueses que invadiram as terras indígenas usavam dois termos para diferenciar os povos indígenas? Eles usavam tupi e tapuia. Mas o que isso significa?

Tupi	Tapuia
O termo “Tupi” se refere principalmente a um grande grupo linguístico, os falantes das línguas tupis, que pertencem à família linguística Tupi-Guarani. Eram entendidos como os “mais civilizados” pelos europeus.	Era um termo usado para se referir aos povos indígenas que não falavam as línguas tupis. Eram vistos como “bárbaros” pelos não-indígenas, simplesmente por não terem costumes “aceitáveis” aos olhos dos europeus.

Mas não se enganem, tanto os tupis quanto os tapuias eram vistos como diferentes, inferiores e primitivos pelos estrangeiros.

## E TRIBO E ALDEIA? É TUDO A MESMA COISA?

### **Tribo**

Existem tribos no Brasil, mas a maior parte delas em zonas urbanas. Essas tribos possuem características específicas, seja na forma de se vestir, cabelo, gírias, músicas que escutam, entre outros. Exemplo: punk, emo, funkeiros, skatistas, etc.

Todos esses são dependentes do governo brasileiro. Logo, esse termo não se aplica aos povos indígenas, mesmo que sejam considerados brasileiros, a sua tradição e cultura possuem características próprias.

**Não usamos tribo para falar dos povos originários, no lugar usamos:** *aldeia ou povo para se referir aos nativos.*

Outros termos utilizados são **índio** e **indígena**... mas você sabe a diferença entre eles e qual termo usar?

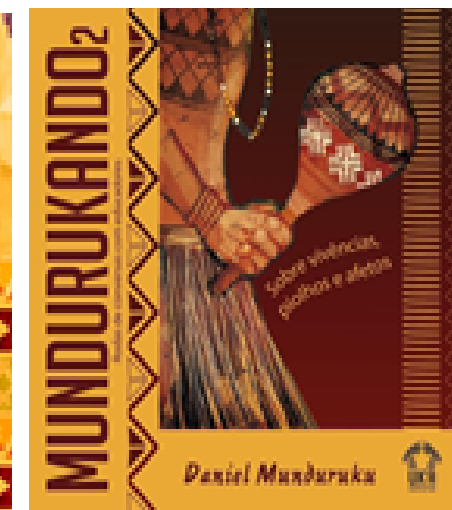
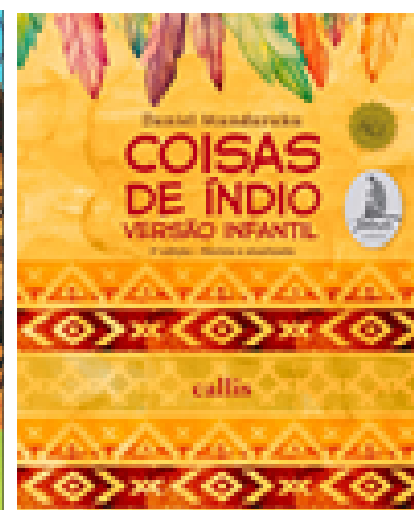
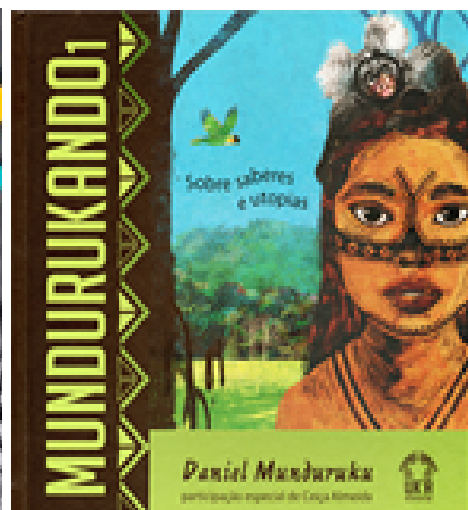
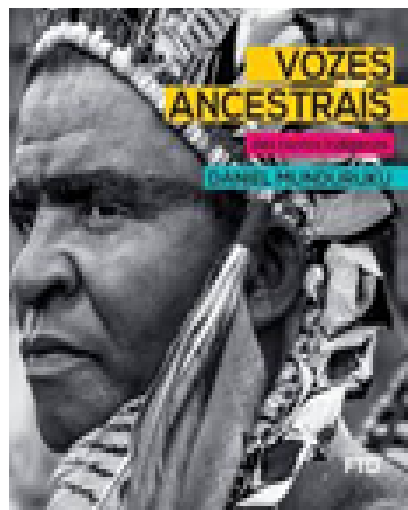
**Nas palavras de Daniel Munduruku (2017, p. 16-18):**

#### **Índio?**

“Quase sempre significava atraso tecnológico, primitivismo, canibalismo, entre outros termos negativos. [...] ‘índios’ foram, na verdade, uma invenção dos colonizadores a fim de reduzi-los e escravizá-los. Nessa palavra colocaram aproximados mil povos com culturas bastante diferentes entre si; encerraram mil e cem línguas distintas e, nelas, visões de mundo que formavam um mosaico internacional interessante e único. Ao reduzi-los, dominaram; ao dominá-los, enfraqueceram valentes civilizações. Tudo isso contido em uma única palavra: *índio*”.

#### **e Indígena?**

“significa ‘nativo’, ‘originário de um lugar’. [...] Ser indígena é pertencer a um povo X. Ser ‘índio’ é pertencer a que? É trazer consigo todos os adjetivos não apreciados por qualquer ser humano”



# Daniel Munduruku

Escritor e professor indígena brasileiro, autor de livros premiados no Brasil e no exterior. Graduado em Filosofia e Psicologia, possui licenciatura em História e doutorado em Educação pela Universidade de São Paulo (USP) e pós-doutorado em Literatura pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar).

## O ESPÍRITO SANTO NO SÉCULO XIX



Fonte: Bentivoglio (2017).

POVOS INDÍGENAS DO ESPÍRITO SANTO	
Botocudo (Krenak)	região do Rio Doce
Goitacá	região de Itapemirim
Coroado e Purí	Castelo
Mbiá (Guarani)	Castelo e Aracruz
Temiminó e Tupiniquim	Bahia até a região de São Mateus e Anchieta
Maxacali	Vale do Mucuri e do Rio Doce
Pataxó	fronteira com a Bahia



### PARA SABER MAIS

Coleção *Povos Indígenas do Espírito Santo*, organizada por Julio Bentivoglio, professor do departamento de História da Universidade Federal do Espírito Santo.





## CAPÍTULO II

# VAMOS APRENDER SOBRE ALGUNS DESSES POVOS?



# Purí

**Significado do nome:** povo pequeno ou povo miúdo, sugerindo que esse povo tinha baixa estatura.

**Língua:** a língua Puri teve, no século XX, seu uso reduzido a poucas palavras que sobreviveram mescladas ao português e está em processo de retomada pelos Puri.

## Organização

- **Século 16:** Se organizavam em vários grupos de cem pessoas por aldeia entre o Espírito Santo e o Rio de Janeiro.
- **Século 19:** esses agrupamentos se tornam de 30 a 50 pessoas por causa dos efeitos da colonização portuguesa em territórios indígenas. Ou seja, pelo confronto com os europeus e pela invasão de suas terras, ficava mais difícil para os Purí se reunirem em grupos maiores.
- Os que perdiam seus territórios eram obrigados a morar nos **aldeamentos** e, por meio do trabalho, se transformavam em escravos ou camponeses. Caso não fossem para os aldeamentos, seriam combatidos pelos portugueses.

**Agricultura:** Os Purí cultivavam milho, mandioca e feijão, entre outros alimentos.

**Divisão do trabalho:** As tarefas eram divididas por gênero.

- As mulheres eram responsáveis por preparar os petiscos, construir cabanas, carregar a caça, acender o fogo, fabricar cestos e redes de dormir, produzir a cerâmica e preparar uma bebida fermentada de milho para as festas religiosas.
- Os homens cuidavam das questões da guerra, caça e pesca. Quem fosse melhor nessas atividades virava chefe das aldeias.

**Relações com outros povos nativos:**

- Os Purí viviam em conflito com os Botocudos (outros povos indígenas) por disputarem territórios de caça.
- Tinham aliança com os Coroados, com quem compartilhavam as mesmas matas e terras.

Depois do **etnocídio** que esse povo sofreu por seus invasores, o maior desastre é sabermos tão pouco sobre eles.

Aldeamento	Etnocídio
Espaço que tinha como objetivo a catequização dos indígenas, controlá-los, afastá-los de suas terras e inserir de forma violenta a cultura europeia nos nativos	Extermínio de práticas culturais, religião, tradições, entre outros de um grupo étnico. Ou seja, de aspectos que formam a identidade de um povo.

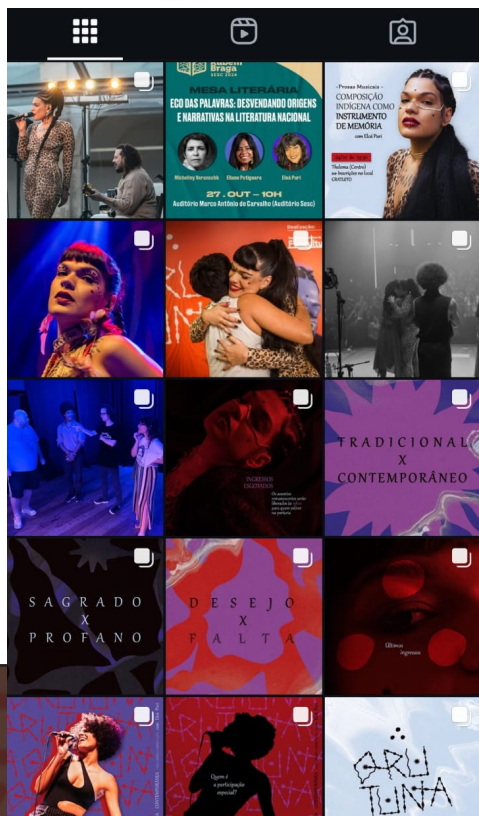


Para acompanhar



## Eloá Puri

É uma cantora e compositora da música indígena capixaba, suas obras fazem referência à memória e ancestralidade das montanhas da região do Caparaó. Valorizando a sonoridade afro-indígena, trazendo elementos do Caparaó, onde nasceu, a artista tem, como o intuito, fazer voltar o olhar do público para a simpatia e a simplicidade do interior. Ela adotou, em 2022, o nome étnico Puri, como um ato de apropriação da própria ancestralidade. No ano de 2023 foi a artista mais indicada ao Prêmio da Música Capixaba, vencedora da categoria de Melhor Composição com a música *Você Não Me Conhece*. Atualmente, atua como Conselheira Estadual de Cultura do Espírito Santo.

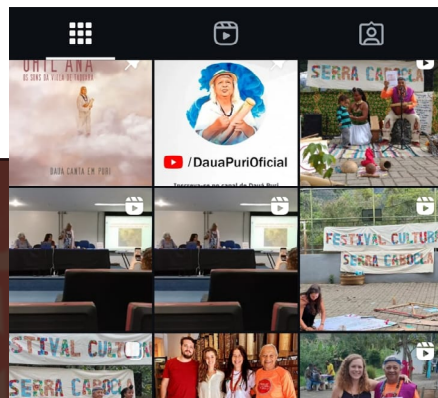


Para além da “descoberta” do Brasil



## Dauá Puri

possui formação superior em Educação do Campo na Universidade Federal de Viçosa. É também contador de histórias, animador, músico, escritor, compositor e arte educador. Pesquisador de sonoridades em projetos como “recriando a Viola de taquara e Pios”, instrumento criado em bambu pelos Puri na antiguidade, reuniu esse material lançando o primeiro CD de músicas em língua nativa Puri “UHTL’ANA os sons da viola de taquara” em 2022. Como escritor publicou os livros: *Alkeh Poteh* – Primeiro livro bilíngüe – Puri/Português, *O Vagalume e a Estrela* publicado na coletânea de língua portuguesa “Brasil Conto Por Conto”.



# Tupiniquim

## Localização e população

- **Século 16:** habitavam o litoral entre o sul da Bahia, Espírito Santo e São Paulo e possuíam uma população estimada de 55 mil habitantes. Essa população foi diminuindo com os conflitos, doenças trazidas pelos estrangeiros e políticas de aldeamentos.
- **Século 21:** Atualmente, a população Tupiniquim vive nas Terras Indígenas de Aracruz.

## Religião e espiritualidade

- Os Tupiniquim veem a natureza como sagrada, capaz de oferecer tudo o que é necessário para sua sobrevivência.
- Transformam elementos naturais como a água, terra e as florestas em divindades, lutando até os dias de hoje pelo respeito e proteção da natureza, pois se veem como parte dela.
- Acreditam em um deus supremo chamado Monhã ou Monã, criador do mundo, do céu e da terra e de tudo que existe, inclusive dos seres humanos.
- Atualmente, após cinco séculos de contato com os não-

indígenas, é possível encontrar nas aldeias Tupiniquim a influência do cristianismo, religiões como as de matriz africana e as pentecostais. Sua espiritualidade se mantém viva por meio da arte, pintura corporal, artesanato, lendas, cantos e danças.



Quem nasce no Espírito Santo é chamado de “capixaba”, palavra que vem do Tupi e significa “plantação” ou “roçado”.

Além disso, muitas palavras que usamos em português vêm do Tupi, como nomes de cidades, rios, ruas e até alimentos. Por exemplo, palavras como Guarapari, Itaipava, Iriri, tapioca e jururu têm origem na língua Tupi e fazem parte do nosso dia a dia.



## Língua e o contato com os invasores

- Os Tupiniquins foram os primeiros povos a entrar em contato com os portugueses e a sofrerem com as consequências da colonização.
- Naquela época, aproximadamente 1300 línguas indígenas eram faladas no Brasil.
- A língua Tupi, também chamada de língua brasílica pelos colonizadores, tornou-se a língua geral da América Portuguesa, usada por colonos e jesuítas. Entretanto, no século 18, o uso e ensino das línguas nativas foram proibidos, forçando os indígenas a adotar a língua portuguesa e a abandonar suas tradições e costumes ancestrais.

## Organização

- As aldeias Tupiniquim eram formadas por 4 a 8 grandes malocas, onde até 600 pessoas podiam morar.
- As lições de convivência e sobrevivência eram passadas pelos mais velhos, através de exemplos práticos no dia a dia.
- A sociedade era organizada com uma divisão clara de tarefas: os homens cuidavam das atividades mais pesadas, como a construção de casas e a caça, enquanto as mulheres cuidavam dos filhos, semeavam, colhiam e preparavam o *cauim*, uma bebida fermentada.
- O chefe da aldeia, o morubixaba, tinha um papel importante em tempos de guerra, mas nunca podia impor sua vontade. Representa a tradição, experiência e cultura de seu povo.

## Luta pelas terras indígenas

- Desde o século 19, os Tupiniquim enfrentaram a perda de suas terras devido à chegada de imigrantes e grandes empresas, como a Aracruz Celulose.
- A empresa Aracruz Florestal iniciou a exploração de terras indígenas em 1967, plantando eucalipto em vastas áreas que antes eram ocupadas por florestas nativas. Esse processo levou ao desmatamento da Mata Atlântica e à expropriação de terras, deixando os Tupiniquim “ilhados” em seu próprio território.
- Nesta época, junto com os Tupiniquim viviam o povo

Guarani Mbya, grupo indígena que migrou do sul do país e que também luta contra a invasão de território do solo capixaba.

- A luta pela recuperação dessas terras e pela reafirmação de sua identidade étnica se iniciou na década de 1970, quando foram reconhecidos juridicamente pela FUNAI (Fundação Nacional dos Povos Indígenas) como uma etnia indígena.

## Guerra e Antropofagia

- A guerra e os rituais antropofágicos eram partes centrais da cultura Tupiniquim.
- Antropofagia: Comer os inimigos capturados não era apenas um ato de vingança, mas também uma forma de preservar a memória dos seus antepassados e das pessoas que morreram no combate. Além disso, era uma maneira de adquirir prestígio e respeito dentro da aldeia.

 **PARA SABER MAIS** 

Vídeo da BBC News Brasil, com o título *5 descobertas fascinantes sobre a origem e a história dos povos indígenas da América do Sul*, trata de uma pesquisa genética que comprova que os Tupiniquim nunca deixaram de existir e que aborda a presença desses povos indígenas em Aracruz - ES. Acesso pelo QR Code:

5 revelações do DNA sobre história de indígenas

BBC NEWS





### Canibalismo ou antropofagia?

Canibalismo é quando alguém come carne humana por fome ou sem um motivo simbólico.

Já a antropofagia é um ritual simbólico, para os indígenas, não era um ato de selvageria, mas sim uma prática que fazia parte de suas crenças e tradições.

O trabalho possui um sentido diferente para os nativos, já que eles viveram/vivem com uma ideia de fazer o necessário para satisfazer as necessidades do presente. Para os povos originários, o que importa é o passado e o presente. Ou seja, a lógica do lucro e do trabalho para acumular dinheiro não faz sentido para esses povos, já que acumular é justamente se planejar para o futuro.

### Economia e trabalho

- No final do século XX, muitos Tupiniquim foram forçados a trabalhar como mão de obra desqualificada para a empresa Aracruz Celulose, em condições muitas vezes comparáveis à semiescravidão.
- Existia a ideia de que os ameríndios não se adaptavam

ao trabalho por não estarem preparados para cumprir os horários e as funções.

- A empresa utilizou diversas táticas para expulsar os indígenas de suas terras, inclusive promessas de emprego, incêndios nas casas das pessoas e coações legais.
- O argumento era de que não existia mais indígenas nas terras de Aracruz por serem nativos aculturados, ou seja, por terem aderido a costumes não indígenas devido à violência sofrida na colonização para que perdessem aspectos da sua cultura.
- Esse processo fez com que cerca de 50% dos Tupiniquim migrassem para as cidades em busca de melhores condições de vida.

### Herança Cultural

- A cultura Tupiniquim deixou uma marca significativa na sociedade capixaba. Muitos hábitos e alimentos, como a farinha de mandioca, o cauim, a moqueca, o pirão, o hábito de comer caranguejo, o beiju e a paçoca de banana têm origem na cultura Tupiniquim.
- Apesar das previsões de que os povos indígenas desapareceriam, ao longo dos cinco séculos de colonização, eles não se tornaram completamente como o homem branco, nem foram exterminados. Pelo contrário, desenvolveram várias estratégias para resistir e sobreviver



Para acompanhar

## Podcast Língua Viva

Os linguistas Urutau Guajajara e **Jocelino Tupinikim**, juntos ao cineasta Tiago Matheus Tupinikim e a antropóloga Aline Moschen (PPGAS/MN) debatem sobre os temas do desaparecimento e da retomada da língua materna do povo Tupinikim no Espírito Santo, pela abordagem da linguística histórica do tronco Tupi.



Educador e liderança indígena na comunidade Tupinikim de Caieiras Velha, responsável pelo grupo de guerreiros, mestre de Cultura e coordena as atividades culturais na Aldeia de Caieiras Velha.

Imagem disponível em: <https://ba.mapas.cultura.gov.br/agente/35404/>

“O tupi foi a língua mais falada no Brasil por séculos. O povo Tupinikim, primeiro a ser contatado pelos portugueses no início da invasão colonial portuguesa, mantém em Aracruz, no litoral norte capixaba, seu único território remanescente, composto por diversa aldeias. Devido ao impacto da urbanização e industrialização do entorno, a língua foi deixando de ser falada e os últimos nativos em língua tupi na região faleceram entre as décadas de 1960 e 1980. Porém, desde 1999, os Tupinikim de Aracruz têm trabalhado na revitalização da língua, que já é ensinada nas escolas das aldeias desde 2007.

(Taveira, 2021).

# Guarani Mbya

**Crenças:** As caminhadas sagradas e a Terra sem Mal:

Fazem o *Ogúata Porã* (Caminho Sagrado): Caminhadas realizadas para criar e organizar seus territórios.

Podem iniciar as caminhadas sagradas por causa de conflitos dentro da comunidade, busca por casamentos, parentes, rituais, trocas de sementes, morte de parentes, sonhos, revelações de líderes religiosos e conflitos territoriais com a sociedade não indígena.

O *Ogúata Porã* é a maneira de buscarem a Terra sem Mal, um lugar sagrado que representa o ideal de vida dos Guarani, onde podem viver em abundância e em harmonia com a natureza.

Para encontrar a Terra sem Mal é preciso seguir o *Tekoa* (espaço sócio-político): O local ideal deve estar voltado para o leste, próximo ao mar e em uma área de Mata Atlântica, condições consideradas essenciais para o *nhandereko* (modo de ser guarani).

## Localização e população

- Aldeias: Boa Esperança, Três Palmeiras e Piraquê-Açu, no município de Aracruz, litoral norte do Espírito Santo.
- Subgrupos: Os Guarani dividem-se em três subgrupos principais: Nhandeva, Mbya, e Kaiowa.

## Deslocamento Guarani para o Espírito Santo

- O grupo Guarani Mbya chegou ao Espírito Santo em 1967, vindo do Rio Grande do Sul, onde foram expulsos por fazendeiros.
- Liderança de Tatatxi Ywa Reté: A xamã conduziu os Guarani em sua jornada por diversos estados, fundando aldeias e guiando seu povo com base em sonhos e revelações.
- Os Guarani se estabeleceram em Caieiras Velhas, área já habitada pelos Tupiniquim, devido às condições ambientais favoráveis.

## Conflitos e Luta pela Terra

- Com a chegada da Aracruz Celulose, em 1967, e a ocupação das terras indígenas por essa empresa, os Guarani e Tupiniquim se uniram na luta por seus territórios.

## Fases da luta pela terra:

- Primeira-fase (1967-1983): Chegada dos Guarani Mbya

ao estado e da instalação da Aracruz Celulose. Essa fase ocorreu durante a Ditadura Militar, os Guarani enfrentaram repressão, pois o regime controlava os deslocamentos dos povos indígenas que era visto pelos militares como vadiagem, além de serem vistos como obstáculos ao progresso. Nesse período, tiveram suas terras parcialmente homologadas, mas esse processo fez com que eles perdessem parte de seu território.


- Segunda fase (1993-1998): Na segunda fase houve a tentativa de ampliar as terras indígenas, sob a influência de políticas neoliberais e movimentos ambientalistas.
- Terceira fase (2005-2006): Homologação final das terras durante o governo Lula, após novas reivindicações e alianças com movimentos sociais. Além disso, os indígenas no solo capixaba romperam os acordos com a empresa Aracruz Celulose, já que a instituição não cumpria suas promessas.

### Papel da Religião e Cultura

- A religião é central na vida dos Guarani, influenciando sua organização territorial e suas práticas cotidianas.
- As mulheres têm um papel fundamental na manutenção da cultura e na condução dos rituais, especialmente na agricultura e nos rituais de nomeação e fertilidade.

### Desafios Atuais e Futuros

- A preservação da Mata Atlântica é essencial para a sobrevivência dos Guarani Mbya, mas eles enfrentam constantes pressões das grandes empresas por terras e recursos.
- Apesar de serem minoria em comparação aos Tupiniquim, os Guarani Mbya mantêm uma relação de reciprocidade, lutando juntos por seus direitos e pela preservação de suas culturas.
- Embora ocupem território Tupiniquim, os Guarani Mbya ainda possuem o desejo de demarcar a área que vivem como terras Guarani.

 **PARA SABER MAIS** 

**“Guerras dos Brasil”**

O primeiro episódio dessa série conta sobre a invasão e colonização dos territórios indígenas e pode ser acessado gratuitamente pelo *youtube*.





# Maynõ Guarani

*Líder da Tekoà Ka'agwy Porã (Aldeia Nova Esperança) em Aracruz, a maior aldeia Guarani de terras capixabas, possuindo mais de 200 habitantes. Está se graduando no Programa de Licenciatura Intercultural Indígena (Prolind) da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).*

*“ Os países mais pobres e mais violentos, com grandes índices de doenças, não são os europeus, somos nós, que ainda somos o celeiro deles. O ouro ianomâmi ainda vai para a Europa, as madeiras. A Sonia [Guajajara, ministra dos Povos Indígenas] fala bem isso: os minérios usados em iPhone são tirados das terras indígenas. Essa sociedade que a gente está vivendo é ridícula, insustentável, não vale para nós. A gente está chegando num ponto de não reversão, precisa pensar em políticas melhores. ”*

*Trecho de entrevista concedida ao Século Diário (2024).*



# Krenak



## Origem do nome:

- No começo, eram conhecidos como Tapuia, um nome dado pelos colonizadores que significava “os outros” ou “estrangeiros” em oposição aos Tupi.
- Mais tarde, foram chamados de Aimoré, que na língua Tupi significa “gente diversa”.
- A partir do século XVIII, o nome Botocudo começou a ser usado pelos colonizadores. Ignorando a riqueza e diversidade cultural desses povos, os colonizadores criaram o termo Botocudo em referência ao uso de botoques (pequenos discos de madeira) que os indígenas utilizavam nos lábios e orelhas.
- Os Botocudos faziam parte do grupo **Macro-Jê**, mas não eram um grupo único e homogêneo. Eles se dividiam em vários subgrupos, cada um com sua própria identidade, língua e cultura.
- Esses subgrupos muitas vezes recebiam seus nomes de rios, montanhas ou do nome de um líder importante, como foi o caso dos Krenak.

## Organização:

- Os Botocudos eram principalmente caçadores e coletores, vivendo de forma seminômade. Isso significa que eles não tinham uma residência fixa e se moviam de acordo com as estações e a disponibilidade de recursos naturais.
- Suas moradias eram simples, feitas com estacas e cobertas com folhas e galhos. Existiam dois tipos principais: uma para estadias mais longas e outra temporária.
- A divisão do trabalho era baseada em gênero e idade.
- A liderança não era hereditária, os líderes eram escolhidos por sua bravura.

## Encontro inicial com os invasores:

- Os primeiros contatos entre os Botocudos e os europeus, especialmente os portugueses, ocorreram no século XVI. Esses encontros foram frequentemente violentos, pois os Botocudos resistiam à invasão de suas terras.
- Os europeus viam os Botocudos como “selvagens” e “ameaçadores”. Essa imagem negativa justificava, aos olhos dos colonizadores, a violência contra eles e a necessidade de eliminá-los para o “progresso” da região.
- Além disso, os Botocudos eram frequentemente descritos como “antropófagos” (comedores de carne humana), o

que contribuía para sua demonização e para a criação de mitos que serviam aos interesses coloniais.

### MACRO-JÊ

É um tronco linguístico, usado para agrupar povos indígenas que possuem línguas com características em comum. Entretanto, cada nação indígena possuem culturas e tradições próprias.

#### Origem dos Krenak:

- Os Krenak surgiram de uma divisão entre os Botocudos que viviam na região da Serra dos Aimorés, no Espírito Santo. Esta divisão ocorreu devido a discordâncias internas sobre como lidar com os colonizadores.
- O grupo dissidente, liderado por um chefe chamado Krenak, se mudou para a região do Rio Doce, em Minas Gerais, onde estabeleceram uma nova aldeia.

#### Resistência ao Contato:

- Mesmo após se estabelecerem em Minas Gerais, os Krenak resistiram ao contato com os colonizadores. Eles preferiram manter-se isolados, vivendo de acordo com suas próprias tradições e cultura.

- Essa resistência era uma forma de preservar sua identidade e evitar as influências negativas da colonização, como a perda de terras e a imposição de valores externos.

#### A violação dos direitos indígenas:

- Em 1969, durante a ditadura militar, foi criado o Reformatório Agrícola Indígena Krenak em que os indígenas considerados “desajustados” eram presos.
- No reformatório, os indígenas eram submetidos a condições de vida extremamente duras, com punições severas e vigilância constante. Muitos foram espancados, e há relatos de mortes e violência sexual.
- Os indígenas também eram forçados a abandonar suas línguas e tradições, com o objetivo de “integrá-los” à sociedade brasileira. Essas práticas causaram traumas profundos e deixaram marcas indeléveis na memória dos Krenak.



## Legado dos Krenak

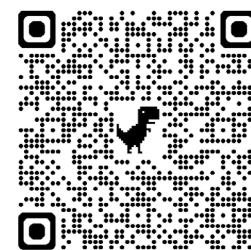
- Durante o processo de colonização e depois, com a expansão agrícola e a construção de ferrovias, como a Estrada de Ferro Vitória-Minas, os Krenak perderam grande parte de suas terras para fazendeiros e colonos.
- Mesmo após a ditadura, os Krenak continuaram a lutar pelo reconhecimento e pela recuperação de suas terras tradicionais, especialmente na região do Rio Doce.

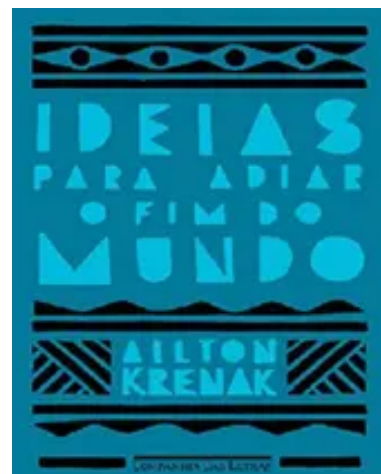
- Apesar de todas as adversidades, os Krenak mantiveram viva sua identidade cultural. Eles continuam a reivindicar seus direitos e a lutar pelo respeito a suas tradições e modo de vida.
- A história dos Krenak é um exemplo de resistência e sobrevivência diante de políticas opressivas e da tentativa de apagamento cultural.

**Atualmente**, a violação dos direitos humanos que ocorreu durante a ditadura militar foi reconhecida pela Justiça. Esse tipo de ação é essencial para que crimes como estes não se repitam. Podemos visualizar a reportagem abaixo:



The image shows a screenshot of a news article from the website 'SÉCULO DIÁRIO'. The article is titled 'Justiça condena União, MG e Funai por Reformatório Krenak da ditadura militar'. The author is 'Fernanda Couzemenço' and the date is '16 de setembro de 2021'. The article is updated on '16 de setembro de 2021'. The text of the article is partially visible, mentioning 'Entre as condenações, pedido de desculpas pelos atos contra indígenas, incluindo Guaranis do Espírito Santo' and 'Pesa, na memória dos indígenas de diversas etnias do País, a memória dos tempos Reformatório em 1969 pela ditadura no município mineiro Rio Doce'.





# Ailton Krenak

*Importante defensor dos direitos dos povos indígenas, ambientalista, escritor brasileiro, professor honoris causa pela Universidade Federal de Juiz de Fora e Imortal da Academia Brasileira de Letras. Ailton também é uma das principais lideranças indígenas do Brasil e suas obras foram traduzidas para mais de dez territórios, refletindo em sua escrita sobre a relação entre os homens e a natureza, ancestralidade e sustentabilidade.*



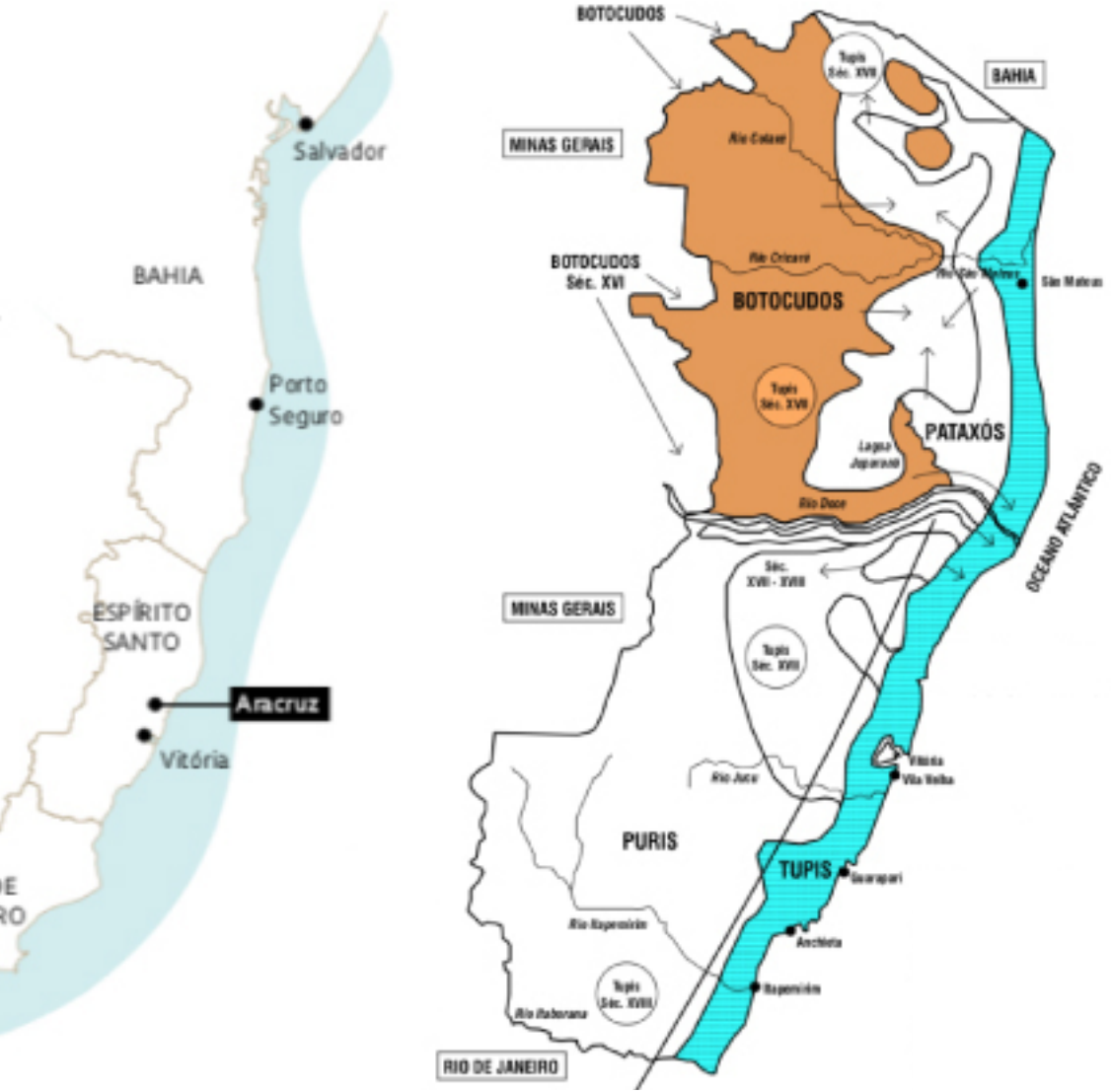


### CAPÍTULO III

## E o que aconteceu com os povos indígenas do Espírito Santo?

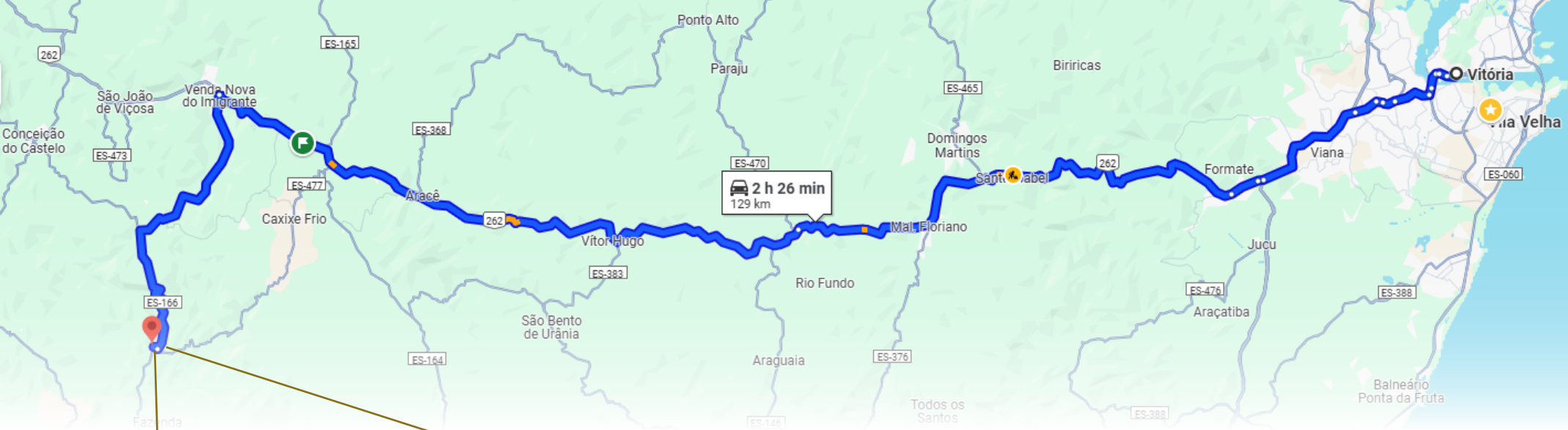
A terra onde vivemos hoje, chamada de Brasil, era conhecida como Pindorama pelos nativos. Quando os colonizadores chegaram, tomaram essas terras dos indígenas de maneira violenta, tanto física quanto psicologicamente. Mas antes de pertencer aos portugueses ou a qualquer outro povo europeu, essas terras já eram habitadas pelos povos indígenas.

Sobre o estado do Espírito Santo, existem pesquisas de materiais arqueológicos que afirmam que parte do litoral capixaba, os rios Doce, Cricaré, Itapemirim, Santa Maria e Jucu já eram povoados pelos ameríndios desde 4.000 a.C., data que comprova que, bem antes dos portugueses chegarem no solo espírito santense, já existiam indígenas nessas terras (Loureiro, 2019).



Fonte: Assembleia Legislativa do Espírito Santo. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2021/04/40822/tupiniquim-de-aracruz-resgata-sua-lingua-nativa.html>. Acesso em: 13 out. 2024.





### Você sabia?

A **Gruta do Limoeiro** é a maior caverna do Espírito Santo! Além disso, lá foram encontrados fósseis indígenas mais antigos do estado, com aproximadamente 4,5 mil anos.

Esses nativos utilizavam a gruta como dormitório e para fazer suas refeições.

Em pesquisas, o antropólogo Celso Perota descobriu que desde o ano 1.200 este local foi habitado por indígenas Puris.

Esse sítio histórico fica em Castelo e existe visita guiada dentro da gruta, vamos conhecer?

Horário de funcionamento: Terça-feira à domingo das 9 horas às 15h30.

Endereço: Limoeiro, Castelo - ES, 29360-000.

Capacidade: de 10 a 30 visitantes por grupo. Tel.: (28) 99986-1542.



No Espírito Santo, os ameríndios ficaram conhecidos como obstáculos do processo de colonização e, com o tempo, eram vistos como inimigos dos portugueses. Essa dificuldade dos colonos de Portugal em acessar as terras capixabas, devido à presença dos povos originários e os conflitos que essa relação gerou, faz parte de uma narrativa antiga de que o Espírito Santo seria um estado atrasado em relação a outras localidades do Sudeste (Nascimento, 2018).

O principal símbolo desse atraso? Os povos indígenas. Mas não somente os ameríndios, os colonizadores associavam, antes de tudo, a natureza a essa ideia de atraso e obstáculo.

No Espírito Santo, por muitos anos existiu o mito da “barreira verde”, uma narrativa de que, durante a colonização, as florestas serviam como uma barreira natural que isolava o litoral do interior, atrasando a invasão dos europeus ao território. Entretanto, essa ideia ignora a resistência dos povos originários que foi muito forte nesta região e, por isso, não se acredita mais nessa teoria. Com isso, os indígenas, em muitos casos, eram associados à própria natureza e, portanto, com essa noção de atraso histórico.

Além disso, os nativos eram percebidos como hostis, ferozes, selvagens e indomáveis. Enquanto os jesuítas e os imigrantes eram vistos como aqueles que traziam o progresso para a região.

Hoje em dia, essa imagem negativa de “índio ruim” criada pelos portugueses e todos esses adjetivos que os acompanhavam como hostis, ferozes, selvagens, canibais, indomáveis, inimigos e entre outros, são vistos como resistência dos nativos ao projeto colonizador.

Situações em que os indígenas eram aliados dos estrangeiros não são mais vistas como parte da imagem do “índio manso”, mas sim como um povo que agia de acordo com seus próprios interesses e necessidades da sua comunidade.

Devemos lembrar que esses povos não estavam vivendo em um contexto favorável e usaram diferentes estratégias para reagir a invasão dos europeus em suas terras (Nascimento, 2019).

Muitas vezes, na escrita da história capixaba, para falar que o estado “avançou” ou “evoluiu” em algum aspecto os autores ignoravam os ameríndios. A superação do “atraso” teve como consequência direta a eliminação desses povos originários. Assim, os indígenas eram vistos como povos do passado e que não existiam mais no presente.

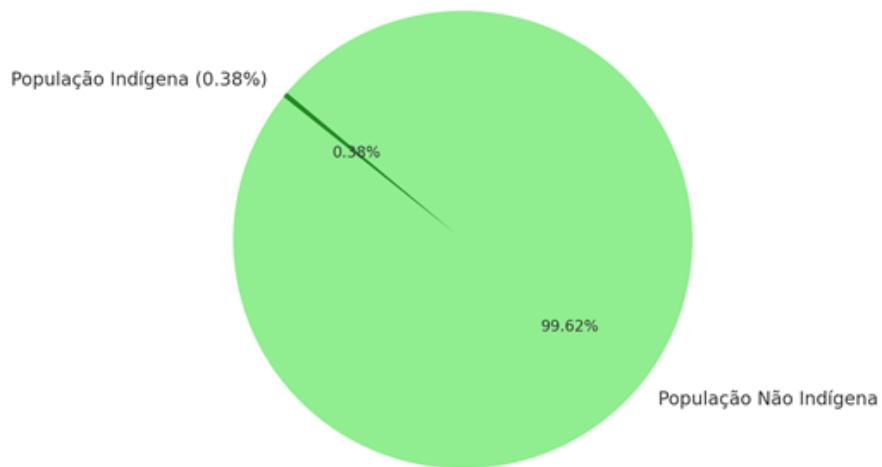
- Será que essa ideia mudou nos dias de hoje?
- Quantos indígenas você conhece ou já ouviu falar do seu estado ou do Brasil?
- Quantas pessoas da sua sala se orgulham em dizer que são descendentes de imigrantes e quantas dizem que são descendentes de indígenas?
- Você conhece alguma terra indígena do seu estado?

- Já ouviu alguém falar que alguma atividade desinteressante era “programa de índio”?

Nos estudos sobre o Espírito Santo, sabemos muito mais sobre os povos que imigraram para cá do que se sabe sobre os povos nativos. Vamos conhecer um pouco sobre os povos indígenas da atualidade?

## E ainda existem indígenas no Espírito Santo?

Hoje em dia, o território capixaba tem a seguinte proporção da sua população:



Fonte: IJSN (2022).

No estado do Espírito Santo, há cerca de 14.410 pessoas indígenas, o que representa 0,38% da população total. Dessas pessoas, apenas 32,36% vivem em Terras Indígenas, que são áreas oficialmente reconhecidas e protegidas pelo Governo Federal.

De 2010 a 2022 houve um aumento de 50% da população indígena do estado. Mas a maioria dos indígenas do Espírito Santo mora em áreas urbanas e cidades.

Para além da “descoberta” do Brasil

Existem apenas **três** Terras Indígenas que são oficialmente delimitadas no Espírito Santo, todas localizadas em Aracruz, nas regiões de Comboios, Caieiras Velha II e Tupiniquim.

Se compararmos o mapa do século XIX e o mapa das atuais terras indígenas do estado, logo percebemos a diferença:



Fonte: Bentivoglio (2017)



Fonte: Funai (2024).

Podemos perceber que antigamente praticamente todo o território capixaba era povoado pelos ameríndios, havendo uma imensa diversidade cultural entre esses povos, seja nos costumes, em suas línguas, tradições, crenças, entre outros. Com a colonização dos portugueses, essas populações foram dizimadas. Esse mapa também nos ajuda a compreender que as raízes capixabas vêm dos povos originários, muito antes de qualquer influência europeia.

Mas continuamos a celebrar datas e momentos que comemoram a vitória dos portugueses e, conseqüentemente, o massacre dos povos indígenas no estado.

### Por exemplo

Existe o feriado de “colonização do solo espírito-santense”, que é comemorado no dia 23 de maio, se referindo a data de 1535 em que os portugueses desembarcaram na Prainha para colonizar a região. **Essa data é comemorada como o aniversário da cidade de Vila Velha, muitas vezes sem problematizações, como podemos ver a seguir:**

The screenshot shows a news article on the Folha Vitória website. At the top, it says "489 ANOS" in a blue box. The main headline is "Shows, exposição e até corrida: veja a programação da festa de aniversário de Vila Velha". Below this, a sub-headline reads "Cidade mais antiga do Espírito Santo comemora 489 anos nesta quinta-feira (23)". The article is from the "Redação Folha Vitória" and is categorized under "ESPIRITO SANTO". There are buttons for "Assine A Tribuna" and "Login", and a search bar. Below the main article, there is a section titled "SEU PROGRAMA" with a sub-headline "Aniversário de Vila Velha terá festival com mais de 30 shows de graça". This section mentions "Timbalada, Monobloco e Alemão do Forró estão na programação" and "aniversário de 489 anos de Vila Velha, que tem inf...". Below this, there is a "GERAL" section with a headline "Parque da Prainha ganha 'Marco Zero da Colonização' em Vila Velha". This article is by "Flávio Carvalho, do jornal A Tribuna" and mentions "A obra de arte, criada pelo artista plástico Celso Adolfo, faz referência ao início da cidade no ano de 1535. Ela foi inaugurada nas comemorações de 489 anos". The article is dated "25 de Maio de 2024 às 09:32" and updated at "Atualizado 25/05/2024 09:33:10".

A última reportagem sobre a criação do “marco zero da colonização” coloca a Prainha como espaço de “nascimento” do Espírito Santo em 1535. Mesmo que haja uma referência aos povos indígenas, a reportagem considera que a localidade só passa a existir quando os portugueses chegam no território capixaba, ignorando os diversos ameríndios que já viviam neste espaço.

Nos jornais, somente recentemente esse feriado passou a ser questionado, como podemos na imagem abaixo.

**A Gazeta**<sup>©</sup>

Colonização do Solo Espírito-Santense: uma celebração ao massacre

Leonel Ximenes

## Colonização do Solo Espírito-Santense: uma celebração ao massacre

Data cívica capixaba, que será comemorada nesta quinta-feira (23), esconde uma história de violência, dor e exclusão perpetrada pelo colonizador contra os povos originários

Leonel Ximenes | Colunista

ximenes@redgazeta.com.br

Vitória

Publicado em 22/05/2024 às 03h11



Mas essa foi apenas uma dentre as diversas notícias que ignoram o caráter violento do feriado e que focam somente na comemoração; o que, de qualquer modo, pode ser visto como o começo de uma reparação que ainda deve contar com o trabalho dos(as) professores(as) e dos historiadores na sociedade.

Além desse feriado, também há o próprio nome da capital do estado, a cidade de Vitória, que mantém viva a memória das violências cometidas contra os povos ameríndios durante os conflitos da colonização (Bentivoglio, 2017).



**Agora que sabemos a importância de conhecer as raízes da ocupação humana do território capixaba, por que não pensar em como aprender sobre os povos indígenas por meio dos quadrinhos?**



# **PARTE II**

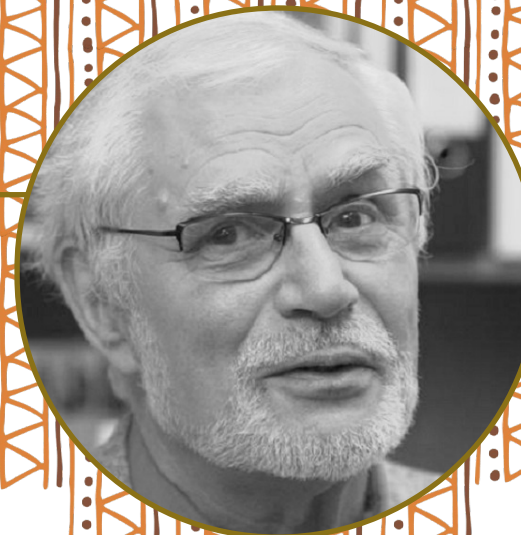
**PARA OS(AS) PROFESSORES(AS)**



## CAPÍTULO IV

# Um ensino de História para além do eurocentrismo: consciência histórica e conscientização dos oprimidos

Nos baseamos nos estudos de **Jörn Rüsen** (2015) para compreender as possibilidades de formação dos educandos através do ensino de História. Esse autor entende que a pesquisa acadêmica não deve ficar somente na universidade, mas sim ser usada pela sociedade e adentrar a sala de aula, como podemos ver através do diagrama abaixo:



**Pesquisa acadêmica**



Esses dois campos se relacionam por meio do diálogo entre **historiadores** e **professores** no **ensino de história** e na **sociedade**.



**Cotidiano / Sala de aula**



É aqui que o conhecimento histórico parte da **tradição** e das demandas de orientação para serem intermediados pelo **professor(a)**.

Entretanto, para que isso ocorra, surgem vários outros conceitos que nos auxiliam a compreender o que Rüsen quer nos dizer, como, por exemplo:

- **Demandas de orientação:** questões sobre o cotidiano que utilizam a história para entender e dar sentido ao seu presente e futuro.
- **Existem, então, orientações práticas da vida:** são as maneiras pelas quais os seres humanos utilizam a história para guiar suas ações e decisões no presente. Logo, a história tem que responder a questões do cotidiano dos alunos e dos cidadãos por meio do ensino de história.
- **Com isso, a história precisa formar sentido:** processo pelo qual as pessoas vão interpretar e dar significado às experiências e eventos históricos com questões da realidade, tendo o objetivo de estimular práticas democráticas e a aceitação da diferença.
- **Assim, as pessoas podem ter experiências do tempo de maneiras distintas:** usando o passado, presente e o futuro para se orientar individual e coletivamente.
- A ideia de **competência narrativa:** essa noção, segundo Rüsen, é central para o aprendizado histórico, pois capacita os indivíduos a construir narrativas que conectam o passado com suas vivências presentes e suas projeções futuras. O uso de HQ's no ensino de história pode facilitar o desenvolvimento dessas competências

ao proporcionar aos estudantes uma forma visual e envolvente de acessar múltiplas perspectivas históricas. As HQ's estimulam a capacidade de interpretar, articular e criticar narrativas, promovendo o pensamento histórico de forma dinâmica e acessível, o que é fundamental para a formação de olhares críticos sobre o passado.

Essas ideias fazem parte da noção de **consciência histórica:** refere-se à capacidade de uma pessoa entender e interpretar o passado e reconhecer como esse passado influencia o presente e pode moldar o futuro, pensando em como a história pode afetar nossa visão de mundo e nossas ações, por exemplo.

Todas essas noções vão fomentar um tipo de **consciência histórica**, entretanto, existem várias tipologias que uma pessoa pode ter ou transitar da consciência histórica, como:

Tipologias da Consciência histórica	
<b>Tradicional:</b>	<i>Está ligada às tradições, com uma moral e valores que determinam obrigações e mantêm os padrões de vida existentes.</i>
<b>Exemplar:</b>	<i>Está ligada às regras, em que o passado ensina o que não deve ser repetido no presente ou no futuro.</i>
<b>Crítica:</b>	<i>Quando há um rompimento com as tradições, o passado perde sua influência sobre o presente.</i>
<b>Genética:</b>	<i>O passado é historicizado, mudando a perspectiva do presente e do futuro.</i>

## ASSIM, PRECISAMOS DESTACAR ALGUNS ASPECTOS SOBRE ESSA IDEIA:

Todo ser humano possui uma consciência histórica e existem várias formas de fomentar a consciência histórica e as competências narrativas que a ela se relacionam:

- Leitura, visita a museus e locais históricos, debates com diferentes pontos de vista e argumentações, diálogos com outras culturas, análise de fontes históricas em sala de aula, pesquisas, jornais, podcasts, filmes, séries, animes, reflexão das tradições de sua família e do Brasil, por exemplo.

Entretanto, pode-se questionar: *mas, então, se tenho a consciência histórica tradicional, só vou ter uma consciência histórica “boa” quando chegar na consciência histórica genética?*

Precisamos entender que, apesar de Jörn Rüsen ser um ótimo teórico para nos basearmos, ele ainda é um autor alemão que desenvolveu esse conceito pensando em uma consciência histórica ideal para um contexto europeu.

Assim, questionamos sobre a ideia de consciência histórica e suas tipologias:

- A noção de linearidade, progressão e um sentido de evolução do conceito de consciência histórica nas pessoas.

Como esse conceito foi formulado baseado na experiência europeia com a modernidade, entendemos que a complexidade do conceito é maior, principalmente para as “periferias” do mundo ocidental e o Sul-global, o que inclui parcelas consideráveis da população brasileira.

**Exemplo:** essa tipologia não é aplicável para a relação que os indígenas possuem com a natureza e também não é muito útil para lidar com a maneira como eles percebem o tempo e a realidade. Essa tipologia da consciência histórica pode também não funcionar idealmente para alunos brasileiros em geral, que nascem em dinâmicas de colonialidade não existentes na maior parte do continente europeu e que, por isso, não são levadas em consideração para a formulação do conceito.

Assim, junto com a ideia de Rüsen, usamos o conceito de **conscientização** de Paulo Freire (1979), um brasileiro que pensou na estrutura de opressão existente no Brasil para formular sua teoria; logo, o autor possui uma abertura maior à experiência dos oprimidos em realidades pós-coloniais do que o teórico alemão. Esses dois conceitos juntos podem abarcar os aspectos da historicidade brasileira que não podem ser contemplados somente mobilizando o conceito de consciência histórica em sua matriz europeia.

- **Conscientização:** seria a expansão da capacidade crítica, levando em consideração os oprimidos, vencidos e subalternos.

Esse processo aconteceria por meio da transição da consciência ingênua para a crítica:



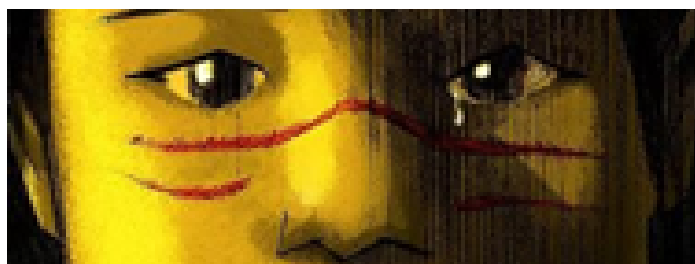
Dessa maneira, acreditamos que este material didático pode possibilitar o fomento da consciência histórica dos estudantes, sem que esse processo de aprendizado se caracterize pela desvalorização de conhecimentos tradicionais em nome da noção de progresso científico, sendo este esforço também guiado pela transição dos parâmetros de Freire para uma consciência crítica.

Nos baseando nesses conceitos, os seguintes objetivos foram buscados com a elaboração desta proposta de prática educativa:

- **Primeiro objetivo**  
Os educandos passam a entender que não existe uma verdade única e que existem outras vertentes da história e do passado;
- **Segundo objetivo**  
Os educandos passam a aceitar o outro e a diferença;
- **Terceiro objetivo**  
Os educandos tornam-se capazes de historicizar a realidade, e de entender que o mundo é mutável e passível de ser temporizável.



Foto: Andre Cohnh'tyhc Guajajara.



## CAPÍTULO V

# Ressignificando os quadrinhos possibilidades no ensino de História

### O que seria uma história em quadrinhos?

Histórias em quadrinhos são histórias contadas usando duas formas de comunicação que trabalham juntas: imagens e palavras. As imagens mostram o que está acontecendo, e as palavras ajudam a explicar. Juntas, elas se complementam para que a gente entenda a história por completo (Vergueiro, 2006).

Entretanto, as imagens e o texto apresentam diferentes elementos da mensagem que o criador da história em quadrinhos quer contar. A maior parte da intenção da HQ só pode ser percebida pela interação entre o que foi escrito e o que foi ilustrado. Além disso, há um outro aspecto que deve ser levado em consideração: a linguagem própria dos quadrinhos.

Como referência das categorias de análise dos quadrinhos e de sua linguagem usamos a obra de Paulo Ramos (2009). Com isso, apresentamos exemplos de como analisar uma história em quadrinhos enquanto fonte histórica, levando

também em consideração as imagens, o texto e a linguagem das HQ's. Afinal, compreender a estrutura desse tipo de fonte histórica pode ser um bom caminho para aprendermos também a utilizá-las como um instrumento de ensino-aprendizagem em sala de aula.

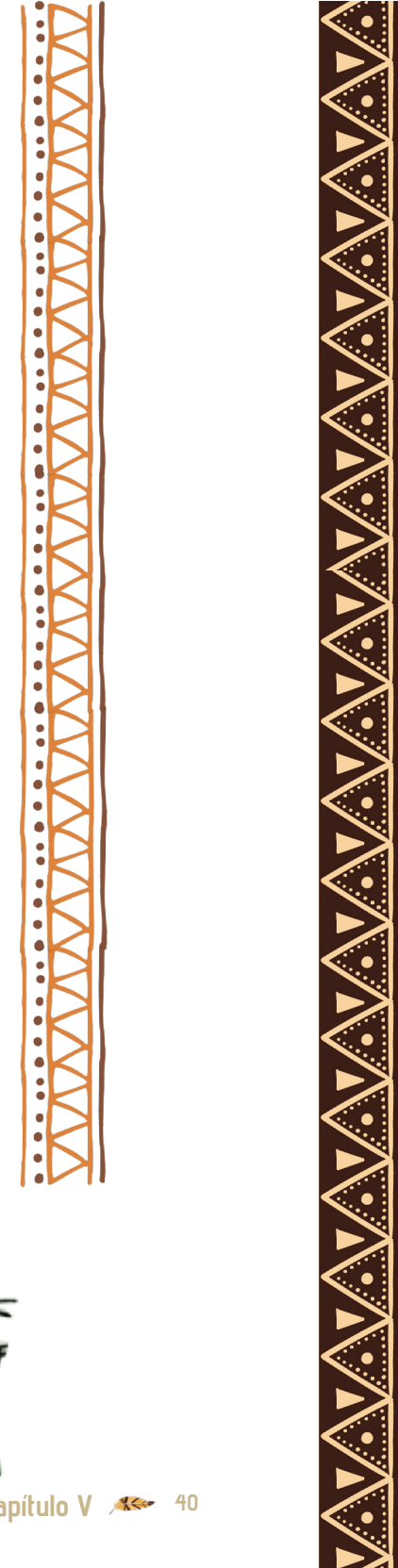
Como qualquer fonte histórica, as histórias em quadrinhos também são produzidas em um determinado tempo e espaço. Por isso, é importante compreender os aspectos internos e externos da obra:

Quadrinhos	Contexto de produção	Objetivo da obra
Infância do Brasil	Brasil	Inicialmente, foi criada como uma <i>webcomic</i> , um projeto online apoiado pela Fundação Cultural de Curitiba e pela Prefeitura Municipal de Curitiba.
Crônicas Ameríndias	Argentina	A principal motivação para criar o quadrinho foi a falta de publicações sobre temas indígenas, entretanto a obra foi originalmente feita para o mercado editorial italiano.

### Aspectos internos da obra: estrutura, recorte temporal e sujeitos

**Sobre *A Infância do Brasil*:** A história em quadrinhos possui 128 páginas e cada século é representado em onze páginas. Após isso o autor tem uma seção de duas páginas para cada período histórico em que há uma contextualização do que foi retratado na HQ. Para finalizar, há uma divisão denominada “para saber mais”, em que José Aguiar destaca partes dos quadrinhos e apresenta um detalhamento, seguindo uma ordem cronológica e por página do quadrinho, em que ele esmiúça acontecimentos históricos e especificidades dos personagens.

Pode-se observar que, ao longo dessa HQ, o autor faz um recorte ao retratar, em cada século, pessoas que foram/são subalternizadas. Dentre os grupos representados temos: as mulheres,



os povos originários, afro-brasileiros, pessoas em situação de rua, a população carcerária, entre outros.

Ao realizar um salto temporal entre um capítulo e outro, José Aguiar buscou manter o nome dos personagens principais como “Ana” e “Gabriel” como forma de criar conexão entre os protagonistas em toda a obra (Anjos, 2017). Acreditamos que essa também foi uma maneira de fazer com que o leitor se identificasse com o quadrinho e a situação dos personagens ao adotar nomes comuns no Brasil, o que possibilita que percebam as mudanças e as continuidades entre o passado e o presente.

Tendo o objetivo de evidenciar as conexões entre o século retratado e o tempo presente, o autor da HQ sempre reserva a última página de cada capítulo para representar uma situação atual de um determinado grupo social. Também é importante destacar que, apesar de se situar em um contexto histórico específico com conexões com questões sociais do presente, o autor construiu uma narrativa ficcional. Outra característica comum aos capítulos é o fato de cada um deles ser intitulado com verbos que indicam uma determinada ação, como, por exemplo, “Nascer”, “Trocar”, “Delegar”, “Reter”, “Responsabilizar” e “Perpetuar”.

**Sobre *Crônicas Ameríndias*:** contém 144 páginas e é estruturado por meio de dez contos, cada narrativa contendo de sete a treze páginas. Excetuando o primeiro e o último conto, os demais não possuem conexão entre si, entretanto, as temáticas possuem ligação por tratar de narrativas em

que o real e o fantástico são difíceis de serem separados, demonstrando como as crenças indígenas precisam anular a razão oriunda de uma tradição ocidental para compreender um outro ponto de vista.

Retratando povos ameríndios da região dos Grandes Lagos da América do Norte, os autores centram-se nos contos de Iroqueses e Algonquinos que viveram na região. É interessante notar que os autores não representaram indígenas de uma maneira genérica como se todos fossem iguais, mas focaram em povos específicos. Além disso, não há um recorte temporal definido, o que torna interessante pensar que esses contos podem ser tanto do passado, quanto de indígenas dos dias atuais.

O olhar pós-colonial dos autores argentinos prioriza a visão de mundo dos nativos e suas crenças, além de não repetir estereótipos sobre os povos originários. A religião, a ideia de coragem, natureza e morte são permeadas por uma lógica não ocidental. É por meio dessas diferentes noções que podemos, por exemplo, realizar reflexões em sala de aula sobre o problema do eurocentrismo.

#### **Aspectos externos da obra:**

No Brasil, a versão publicada de *Crônicas Ameríndias* é tida como de luxo, devido ao tamanho A4, folha de gramatura alta e por ser de capa dura. Enquanto a *Infância do Brasil* possui capa comum, tamanho um pouco menor que A4 e folha de gramatura comum.

## A COR TAMBÉM É UM ELEMENTO QUE FAZ PARTE DA LINGUAGEM DOS QUADRINHOS.

Seja colorido ou mesmo quando está em preto e branco, entendendo que cada cor possui uma intenção na narrativa. Vejamos o caso dos quadrinhos analisados:

### Quadrinho:

*A infância do Brasil*



Fonte: Aguiar (2022).

#### Cores

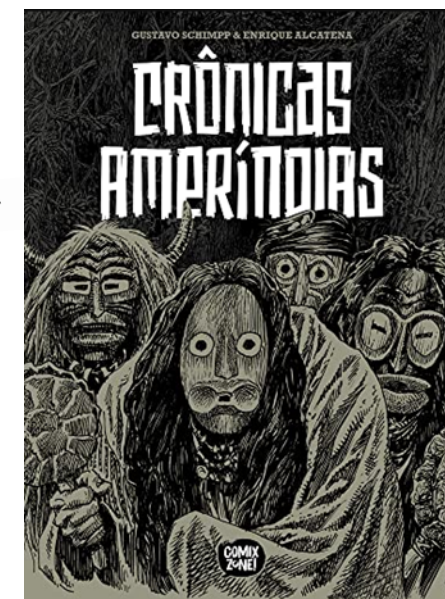
O amarelado constante nas cenas em que aparecem os colonizadores e suas construções se dá devido a uma ideia de hostilidade e tensão. Geralmente, raiva, violência ou qualquer painel de impacto terá cores como vermelho ou amarelo.

#### Significado

Ao encarar o leitor, a lágrima e o luto estão direcionados ao presente e ao que foi feito da terra dos povos originários pelos colonizadores em todos esses séculos, responsabilizando o leitor em alguma medida.

### Quadrinho:

*Crônicas Ameríndias*



Fonte: Schimpps e Alcatena (2021).

#### Significado

Enfatiza as tradições dos indígenas. Só sabemos que as criaturas fantásticas estão conectadas aos ameríndios devido ao título que destaca os diferentes contos narrados pelos povos originários.

#### Cores

As ilustrações em preto e branco e o ilustrador traz a atenção do leitor para a mensagem transmitida no quadrinho. Enfatiza-se a misticidade, magia e as culturas indígenas.

# Traços

De acordo com Paulo Ramos (2009), existem diferentes estilos de desenho nos quadrinhos que variam de acordo com o gênero da história, os personagens podem ser retratados de maneira realista, estilizada ou caricata

## Exemplo de *Infância do Brasil*



Fonte: Aguiar (2022, p. 12).

### Tipo de traço ilustrado

Podemos notar que existem traços caricatos dos personagens, em que algumas feições são exageradas, como a boca, dentes, nariz, entre outros. E as roupas simples simbolizavam as condições precárias dos que viviam nesta terra.

## Exemplo de *Crônicas Ameríndias*



Fonte: Schimpp; Alcatena (2021, p. 7).

### Tipo de traço ilustrado

As pessoas no quadrinho são desenhadas de maneira que imita a realidade, com traços proporcionais e que se assemelham com os de uma pessoa real.

Entretanto, quando as características do realismo na obra *Crônicas Ameríndias* se deparam com a figura do Wendigo, o leitor pode ficar confuso:



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 11).

Neste quadrinho, o realismo retratado é diferente. Podemos chamá-lo de **realismo mágico** ou **realismo maravilhoso**. Essa ideia quebra a forma tradicional de contar a realidade e é característica da literatura latino-americana que começou no século XX. Trata-se de um recurso narrativo no qual o irreal é tratado como parte natural da realidade. Em vez de criar mundos imaginários, as histórias incluem elementos que desafiam a compreensão imediata (Chiampi, 2012).

O realismo mágico apresenta uma nova maneira de o narrador lidar com a realidade. Além disso, essa forma de

contar histórias ajuda a romper com a visão eurocêntrica da história do continente americano. Não há nenhuma outra explicação para a existência da criatura inserida na história. Com isso, o ilustrador trata a mitologia indígena como um elemento que não deve ser questionado pela razão, mas considerado de acordo com as crenças ameríndias em sua lógica própria.

### *Resumindo... O que é realismo mágico?*

É um movimento literário que mescla o real e o fantástico, narrando eventos mágicos como parte natural do cotidiano, sem tentar explicar esses elementos. Esse movimento literário é característico da América Latina, sendo entendido como uma forma de colocar sob o holofote grupos subalternos, além de ser uma maneira de refletir a complexidade social, cultural e política dessa região que teve em comum o passado colonialista.

### **Exemplos de autores**

Gabriel García Márquez com a obra *Cem anos de Solidão*.

Isabel Allende com o livro *A Casa dos Espíritos*.

### **E com a temática indígena temos o autor:**

Miguel Ángel Asturias com *Homens de Milho*.

## HÁ OUTRA NOÇÃO QUE APARECE NA HISTÓRIA DE KYEHE:



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 136).

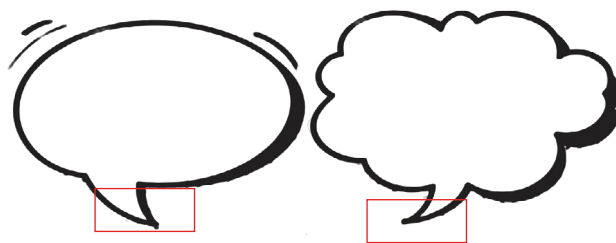
Ao ilustrar o pai de Kyehe que já faleceu como árvore, pode-se entender a floresta como parte ativa da narrativa, guiando o protagonista em uma direção e conduzindo também a história. Os autores definem esse momento como “encontro mágico”, mesmo que a magia, nesse caso, seja relacionada ao fato de Kyehe conseguir dialogar com seu pai, mas não ao fato das árvores representarem os guerreiros mortos de sua aldeia.

Esse fenômeno se chama **perspectivismo ameríndio**, conceito desenvolvido por Eduardo Viveiros de Castro (1996), e se refere às concepções indígenas em que seres como animais, mortos, fenômenos meteorológicos, espíritos ou vegetais, por exemplo, são entendidos como possuidores de humanidade interna que se esconde por meio de um envelope, neste caso, um corpo distinto dos seres humanos.

Ou seja, o **perspectivismo ameríndio** seria como uma forma de ver o mundo típica dos indígenas do continente americano. Nessa concepção, os autores da obra proporcionam ao leitor a possibilidade de ver o mundo por meio de outros corpos, considerando todos os pontos de vista como válidos, sejam esses animais, árvores, floresta, entre outros. Com isso, podemos notar que, no olhar indígena, existe a personificação do outro, compreendendo-se a natureza como uma parte viva e pertencente ao campo da cultura.

# LETRAS, BALÕES E APÊNDICES

Existem mais de 72 tipos de balões diferentes que podem ser encontrados nos quadrinhos, mas primeiro existem algumas distinções que devemos fazer.



Essa parte em vermelho no desenho acima, em diferentes tipos de balões, é chamada de **apêndice**.

**Apêndice:** é uma extensão do balão que indica quem é que está falando, mas eles podem ter vários formatos para gerar novas interpretações da história (Ramos, 2009).



Fonte: Aguiar (2022, p. 15).



# TIPOS DE BALÕES EM INFÂNCIA DO BRASIL



Fonte: Aguiar (2022, p. 13).

O balão-fala com linha reta e contínua é o formato mais “neutro”. É como se o personagem estivesse falando em um tom de voz normal. Além disso, é um balão duplo, representando dois momentos de fala.



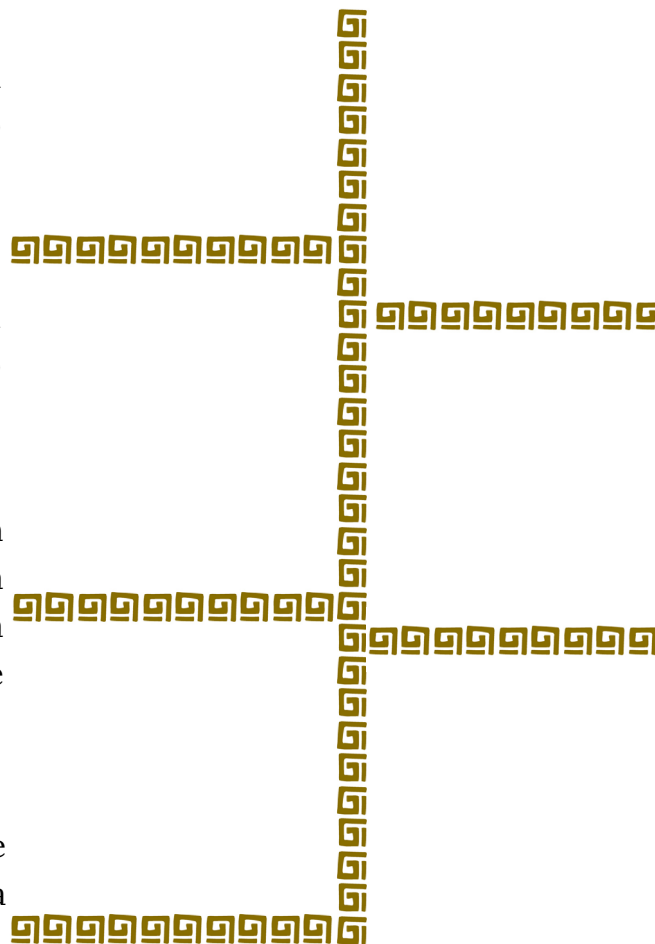
Fonte: Aguiar (2022, p. 11).

Esse balão quadrado sem apêndice simboliza uma fala em que o personagem está fora de vista, tão longe que está do cenário retratado.



Fonte: Aguiar (2022, p. 11).

Esse balão tem um apêndice que sugere que o “dono da voz” é o homem na praia, sendo mais alongado que o comum para representar a distância.



O contorno do balão pode indicar uma voz estremecida. Nesse caso, se refere ao tamanho da dor que a personagem grávida está sentindo.

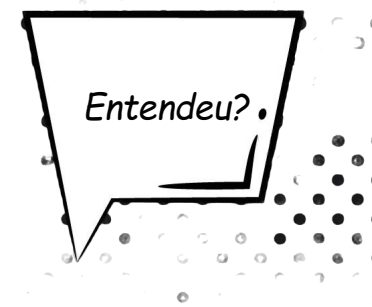


Fonte: Aguiar (2022, p. 17).

O apêndice que indica a força e a violência no ato de bater na porta do personagem.



Fonte: Aguiar (2022, p. 21).



# EXEMPLOS DE BALÕES EM CRÔNICAS AMERÍNDIAS



O clássico balão-fala, sendo esse o mais comum, o que alerta ao leitor da fala direta de um determinado personagem.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 7)

O balão com as bordas mais quadriculadas indicam a existência de um narrador onisciente, ou seja, alguém que não está na história que narra.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 7)

Os conteúdos dentro dos balões também transmitem informações de acordo com as letras utilizadas. Nos dois quadrinhos os autores usam letras neutras em toda a história, a maior diferença em relação a esse padrão ocorre quando os autores usam o negrito e aumentam a letra para enfatizar algo ou para mostrar o tom de voz alterado dos personagens.

**Exemplo:**

“Trouxemos a palavra **ordem!**”

Ou então,

“**Nada? Nada?**”.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 7; 9)

O personagem principal usa desse balão quadrado com aspas para contar uma história antiga em mais de uma ocasião.



Mas outra forma de demonstrar a passagem do tempo é ao retratar ao leitor uma época histórica e seus elementos antigos, gerando uma comparação no leitor com os dias atuais, como podemos visualizar abaixo com as roupas e construções típicas de um determinado contexto histórico:



Fonte: Aguiar (2022, p. 12).

Também existem formas de tempo que são mobilizadas para indicar movimento do corpo do protagonista, como, por exemplo, as **linhas cinéticas**:



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 10) e Aguiar (2022, p. 21).

Na imagem à esquerda, os autores exageram nas linhas cinéticas, demonstrando o ataque do Wendigo a Kyehe por meio de traços no braço da figura fantástica. Já na fonte imagética à direita, podemos observar que há linhas brancas que marcam a ação, indicando a trajetória do chute.

Além disso, há a descrição de um som para representar o chute que também pode ser chamada de **onomatopeia**. As onomatopeias são o uso de termos que representam um momento da narrativa por meio dos sons, mas são aproximações dos sons e nunca uma cópia exata.

Por fim, uma característica da linguagem dos quadrinhos que ocorre nas duas obras é a **elipse**. A elipse é o que não é revelado entre um quadrinho e outro, mas que o leitor é capaz de compreender, mesmo que não seja mostrado, o que pode ser representado por meio de pequenas ou grandes elipses na história.



Assim como a forma de utilizar a letra, usar os mesmos padrões de *layout*, conforme a leitura avança, também faz com que o leitor se acostume com um tipo de narrativa. Com isso, há um certo choque quando existe uma mudança brusca do formato dos quadrinhos, nesse caso, usada como forma de transmitir ao leitor a dor e tensão da cena do parto.



Fonte:  
Aguilar (2022, p. 18-19)

A cor vermelha passa a predominar nos quadrinhos relacionados ao parto, simbolizando o sangue, as fortes emoções e a dor presente nas cenas.

No segundo conto da obra *Infância do Brasil*, o autor utiliza como recurso quadrinhos fora de ordem para representar vivências marcantes das crianças na escola jesuítica. É nessa vivência que aparece uma nova cor para ambientar esses acontecimentos: o azul, que muitas vezes representa tristeza, e o amarelo nos quadros que estão posicionados fora da ordem convencional.



Fonte: Aguiar (2022, p. 32-33)

Acredita-se que o leve tom de amarelo pode representar indícios da cultura europeia tentando se infiltrar, à base de punições, nas crianças indígenas que nunca estão pintadas de forma completa com essa cor.

O autor enfatiza o apagamento cultural, como um ato violento por si só, acontecendo na HQ à base do castigo, enfatizando as mãos vermelhas das crianças sendo seguradas de maneira intensa.

Já em *Crônicas Ameríndias*, o ilustrador faz com que alguns personagens ultrapassem as barreiras de seus quadrinhos, usando desta estratégia com a finalidade de destacar uma determinada ideia:



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 13)

Nesse caso, chama-se a atenção para o contraste entre o Kyehe jovem e o de idade mais avançada. Na conclusão do conto, podemos observar que Kyehe, o jovem imprudente, passa a ser uma referência de sabedoria da aldeia, mesmo com seus erros do passado, transmitindo seu conhecimento para as outras gerações.

# REPRESENTAÇÃO INDÍGENA NOS CONTOS

Para além dos tipos de traço que podem ser escolhidos pelos ilustradores para desenhar os personagens, as diferentes representações e seus significados são essenciais para analisar uma história em quadrinhos, tendo em vista que podem apresentar ou não estereótipos de determinado grupo. A seguir, observamos como os indígenas foram retratados em *Infância do Brasil*:



Fonte: Aguiar (2022, p. 16).

O nativo veste trapos e está descalço, ao contrário dos portugueses. No primeiro conto, os indígenas que convivem com os colonos são desumanizados e vistos como inferiores.



Fonte: Aguiar (2022, p. 27).

Uma indígena está desnuda e com características de seus costumes, enquanto o outro ameríndio está vestido de “anjo da guarda”. A diferença entre eles é que o menino está sendo catequizado e a menina não.

# O INDÍGENA EM *CRÔNICAS AMERÍNDIAS*



A caracterização do ancião também apresenta um corte de cabelo e penteado típicos de seu povo, além de retratar elementos de artesanato dos iroqueses.



Os autores enfatizam os costumes indígenas, como podemos observar nos cortes de cabelo, apetrechos, pinturas e roupas de acordo com sua cultura.

Podemos perceber que existem duas formas diferentes de apresentar os povos nativos nas duas HQ's, já que uma delas percebe os indígenas por meio dos estereótipos e do olhar europeu, enquanto o outro quadrinho enfatiza nos detalhes a valorização dos costumes ameríndios. Essa distinção pode ser trabalhada em sala de aula como maneira de problematizar as diferentes formas de representar um povo e sua cultura.



# OS QUADRINHOS COMO ESTRATÉGIA DE REINTERPRETAÇÃO CRÍTICA DA TRADIÇÃO

Podemos notar no fragmento de *Infância do Brasil* abaixo que há uma semelhança entre a representação dos bandeirantes na HQ e a famosa estátua “Monumento às Bandeiras”, de Victor Brecheret, inaugurada em 1953 no Parque Ibirapuera (SP)



Fonte: Aguiar (2022, p. 29)



Fonte: Wikimedia, 2024.



## SEMELHANÇAS

No quadrinho, podemos perceber que o paulista em seu cavalo e a comitiva repleta de pessoas escravizadas são similares à obra.



Essa semelhança pode, por exemplo, auxiliar o professor(a) a trabalhar a imagem dos bandeirantes e a ideia, sempre historicamente construída, de patrimônio cultural. Os professores e professoras podem tomar este conceito como ponto de partida para mostrar as ressignificações e os questionamentos levantados por parte da população sobre a imagem de heróis dos bandeirantes. Comparações podem ser feitas entre as fontes imagéticas dessa obra e as intervenções de grafite sobre o monumento e fazendo abordagens críticas sobre como, por exemplo, a escola de samba, Mangueira, fez uma releitura do Monumento às Bandeiras no carnaval carioca de 2019, como podemos ver abaixo.

Essa alegoria foi chamada de *o sangue retinto por trás do herói emoldurado*, questionando as mortes, violência e escravidão por trás da imagem heroica dos bandeirantes. Com isso, há a reprodução da estátua, mas pintadas com as palavras “assassinos” e “ladrões”, com os indígenas de vermelho representando o sangue derramado neste período histórico.



Fonte: Wikimedia (2024).

## PROBLEMATIZAÇÕES E POSSIBILIDADES DE TRABALHO COM OS QUADRINHOS EM SALA DE AULA:

A obra *Infância do Brasil* apresenta mais elementos que podem ser questionados e problematizados em sala de aula. Ao mesmo tempo em que o autor privilegia uma perspectiva europeia, também destaca vários aspectos do pensamento colonial propositalmente, tendo a intenção de provocar incômodo no seu leitor.

Nesse sentido, mesmo que a HQ possua uma visão com mais elementos eurocêntricos tradicionais, não quer dizer que esse quadrinho não possa ser usado em sala de aula; pelo contrário, ele pode ser mobilizado para ser questionado em alguns de seus aspectos e para provocar os discentes a pensar criticamente.

Os personagens apresentam diversos estereótipos sobre os povos indígenas que podem ser trabalhados pelos professores e professoras no ambiente escolar. Este é o caso, por exemplo, das diversas nomenclaturas usadas nos dois capítulos, como “índio”, “negros da terra”, “gentis” e “brasis”; além de várias referências aos ameríndios como, social e culturalmente, inferiores:

1) a ideia de que os indígenas são interessados em bugigangas, objetos sem valor real, como se estivessem fazendo uma troca que não seria equivalente, na opinião dos portugueses que somente enxergam a situação sob a ótica mercantilista;

2) o uso do termo índio, que pode ser problematizado nas aulas de história, quando os colonizadores o utilizam para associar os indígenas a animais, mercadorias e selvagens; além da problematização do uso de termos como “tribo” para se referir às aldeias;

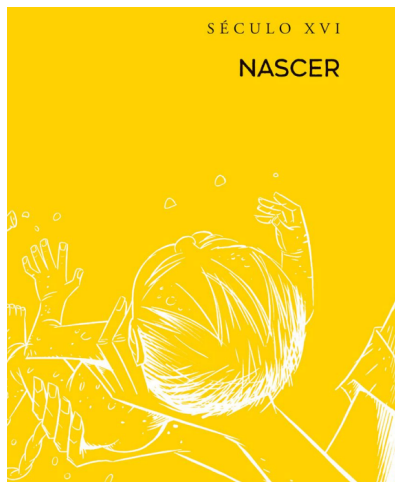
3) a ideia da prática da antropofagia sob o estereótipo de que os indígenas eram canibais;

4) a percepção eurocentrada de que os povos originários são preguiçosos por não terem a mesma lógica de trabalho e lucro do norte-atlântico capitalista.

Por isso, vamos apresentar a seguir uma série de possíveis problematizações a partir do uso da HQ em sala de aula. Entendemos, entretanto, que podem existir outras formas de abordar essas questões, já que existem temas que vão além da temática indígena e que são tratados no quadrinho, como é o caso, por exemplo, de problematizações sobre o machismo, o racismo, a intolerância religiosa, entre outros.



# POSSÍVEIS PROBLEMATIZAÇÕES EM *INFÂNCIA DO BRASIL*



O título “nascer” permite duas interpretações sobre o sentido de eventos como:

- 1) o nascimento das crianças e, por consequência, da misoginia que perdura até os dias atuais;
- 2) o nascimento do Brasil enquanto país.

Fonte: Aguiar (2022, p. 9)



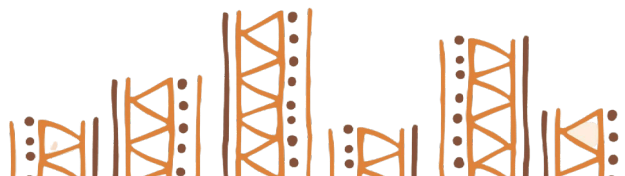
Fonte: Aguiar (2022, p. 13)

São construídos personagens portugueses como protagonistas. Privilegia colonos que, por exemplo, estão preocupados com a cor de pele da nova terra pela sua relação com os indígenas, o que faz o rei enviar órfãs de Portugal para clarear essa população.



Fonte: Aguiar (2022, p. 11)

O início do conto retrata embarcações de europeus chegando na América Portuguesa. Essa ideia de “começo” da história brasileira pelos portugueses é eurocêntrica, pois há a ideia de que não havia ocupação do território brasileiro antes da chegada dos portugueses.





Fonte: Aguiar (2022, p. 27)

O segundo conto tem dificuldade de trazer aspectos da cultura indígena, mesmo que eles sejam os personagens principais junto com os jesuítas. Isso faz com que a perspectiva dos jesuítas sobre os indígenas se sobressaia no conto.



Fonte: Aguiar (2022, p. 26)

No segundo conto, todos os diálogos são entre bandeirantes e jesuítas. Não há falas para os ameríndios, nem com os europeus, nem entre eles mesmos. Isso reflete a visão dos personagens europeus que narram o capítulo, pois eles não entendem o que os ameríndios dizem. Assim, os diálogos ocorrem apenas entre quem fala português.



Fonte: Aguiar (2022, p. 30)

As primeiras ações após a chegada das crianças indígenas são vesti-las e remover qualquer símbolo de suas culturas originais. Esse ato marca o início do apagamento cultural pelos jesuítas, que visavam “salvar corpo e alma das crianças”. Outra ação foi renomear e batizar as crianças indígenas.



Fonte: Aguiar (2022, p. 32-33)

O apagamento cultural ocorre por meio do ensinamento de ritos cristãos à base de punições e castigos. Esse apagamento é feito de forma consciente pelos jesuítas e dificilmente poderia ser definido como uma simples troca, tendo em vista que acreditar nisso seria crer que os indígenas seriam “folhas em branco”.

Essa HQ apresenta uma crítica à visão de mundo que toma, a todo instante, a Europa como padrão universalista de desenvolvimento histórico. Nesse sentido, ela pode servir como um importante instrumento de ensino sobre os elos entre a violência e o colonialismo, permitindo reflexões sobre como a construção do mundo moderno ocorreu através da naturalização de vários pressupostos eurocêntricos sobre a história e a cultura que perduram até a contemporaneidade.

Esses preconceitos e estereótipos são usados de maneira proposital por José Aguiar, em especial, em sua crítica do machismo e do racismo, quando o autor utiliza diversos recursos narrativos para gerar incômodo no leitor e comparações com o presente. Esse artifício, para o ensino de História, pode servir como meio de provocar e levar os estudantes a refletir sobre uma série de problemas que afetam a realidade de nossos alunos

Assim, para além do problema do eurocentrismo, existem outros elementos que podem ser trabalhados **em sala de aula**, como é o caso dos exemplos que oferecemos a seguir.



Fonte: Aguiar (2022, p. 28)

### Sincretismo entre saberes indígenas e europeus como estratégia de resistência

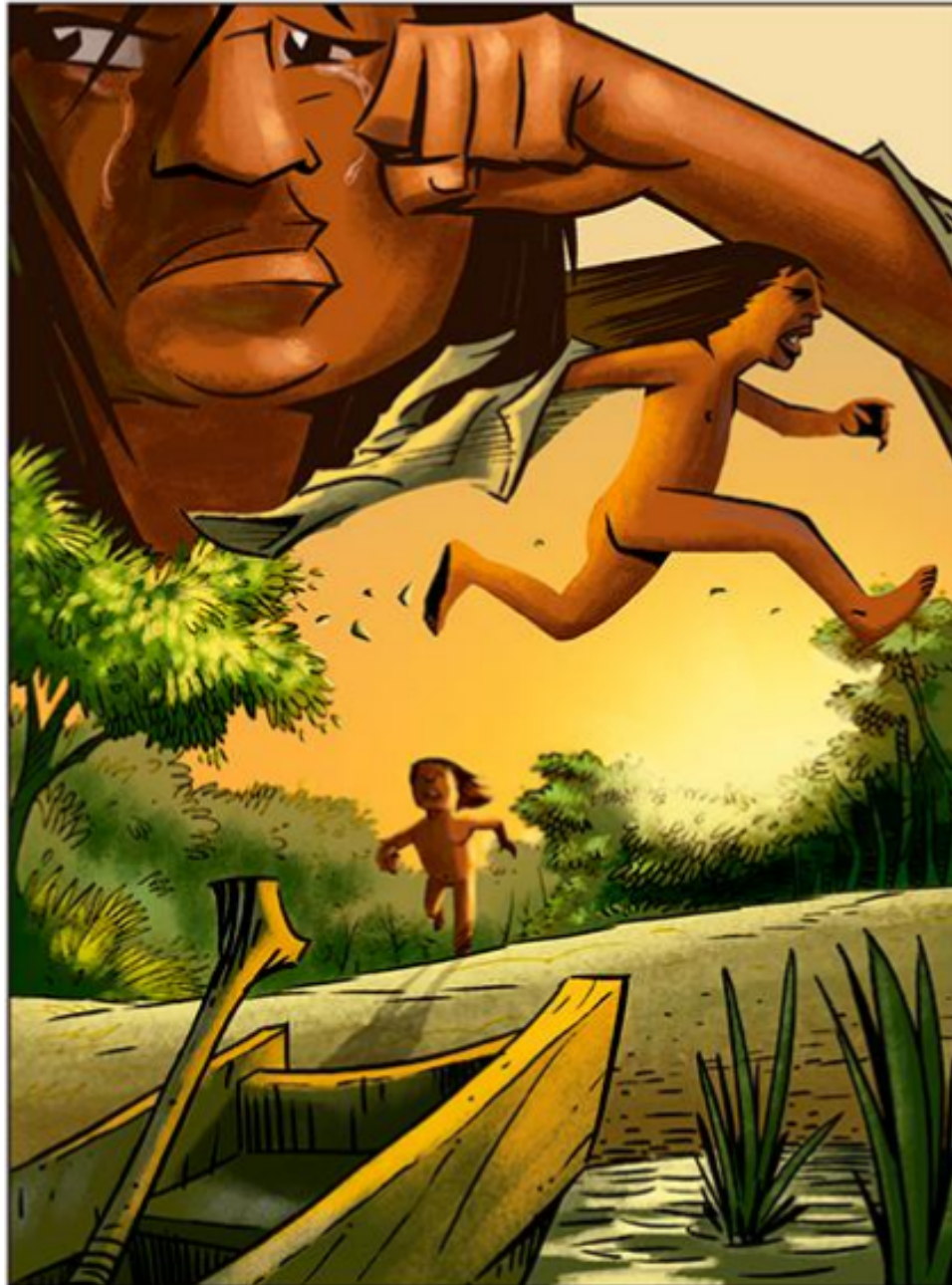
Ao se preparar para dar a luz no primeiro conto, há elementos cristãos para ajudar Ana a passar por esse momento, mas também há aspectos das crenças dos povos originários, o que mostra que os saberes indígenas eram considerados válidos.



Fonte: Aguiar (2022, p. 14)

### Desconstrução do mito do herói bandeirante

Pela visão aproximada do rosto do bandeirante, podemos perceber que o mesmo é retratado como vilão na história, ao contrário de narrativas que glorificam o heroísmo das bandeiras no país.



Fonte: Aguiar (2022, p. 35).

### **Protagonismo autoconsciente da cultura indígena**

A fuga de Ana contradiz o discurso de que os indígenas seriam uma “página em branco”. Ela para de acreditar nos ensinamentos cristãos após a morte de outro indígena. A primeira coisa que faz é se livrar das roupas colocadas pelo homem branco, símbolo da tentativa de apagamento cultural e a prova de que não se esquece de seus costumes ou de onde veio, libertando-se de uma doutrina na qual não acredita.



Fonte: Aguiar (2022, p. 35)

## O trato com problemas que perduram no presente

Ter uma página após cada conto que representa o século XXI e retrata as continuidades e rupturas do passado com o presente é extremamente importante para provocar questionamentos e levar os estudantes a refletir sobre os problemas apresentados na HQ.



Fonte: Aguiar (2022, p. 36)



# POSSIBILIDADES DE TRABALHO EM SALA DE AULA UTILIZANDO: *CRÔNICAS AMERÍNDIAS*

## Desconstrução da ideia de que os indígenas seriam povos “sem história”

O primeiro e o segundo conto usados possuem o protagonismo indígena como referência. Não aparecem estrangeiros ou referência a povos europeus nesses contos e os indígenas baseiam seus conhecimentos em uma racionalidade não ocidental.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 7)

Para além da “descoberta” do Brasil

## Diversidade religiosa e respeito ao pluralismo de crenças

A noção de religiosidade apresentada, como o culto a Manitu, já permite traçar as diferenças de crenças, possibilitando questionar em quais tipos de divindades esse povo acreditava, trabalhando o termo a partir da noção de alteridade.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 8)

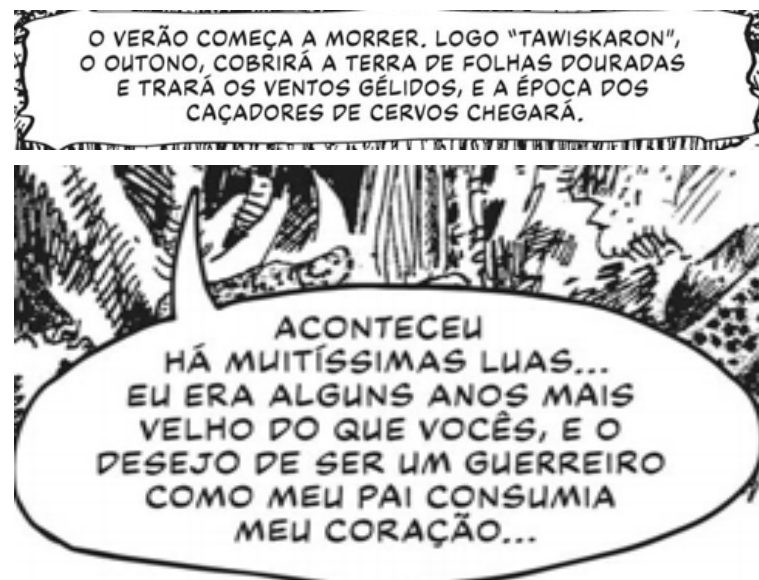
## A pluralidade do conceito de tempo

A ideia da contagem do tempo por meio da lua, e não por uma data, permite mobilizar o conceito de tempo com os estudantes, sobretudo por meio do contraste entre o tempo histórico progressivo ou historicista da modernidade europeia e o tempo da natureza presente em diversas cosmovisões indígenas.

Os espíritos simbolizam, ao longo da narrativa, a relação que os povos originários possuem com o tempo histórico, já que o sonho é um meio de compreender a realidade, principalmente ao serem interpretados como uma forma de representar o futuro.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 131-132)



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 107)

## Compreensão não estereotipada de elementos da cosmovisão indígena

Os autores tratam as noções indígenas como um elemento que não devem ser questionados pela razão, mas considerado de acordo com as crenças ameríndias em sua lógica própria. É o exemplo do Wendigo.



O *wampum* citado seria um objeto indígena de valor sagrado, enquanto *wigwam* seria o nome das tendas. Assim, esses elementos culturais são introduzidos respaldados pela ideia de que o fantástico e o cotidiano frequentemente se cruzam.



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 11)



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 7)

A temática da “vingança”, da “guerra” e da “honra” representa um elemento central da cosmovisão de vários grupos indígenas americanos. Trabalhar esse elemento talvez seja uma forma de desconstruir a visão estereotipada dos indígenas como “canibais” selvagens construída pelos europeus.



O ANCIÃO  
LARGOU O  
WAMPUM. UM  
SORRISO SURTIU  
EM SEU ROSTO  
ENRUGADO.

SE EU O MATEI?  
NÃO, É CLARO QUE  
NÃO... EU SÓ O VENCI.  
É SUFICIENTE PARA  
UM GUERREIRO.

Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 13)



## O perspectivismo ameríndio e uma relação não hierarquizada entre o ser humano e a natureza

O bosque é tido como parte dos povos originários, o que demonstra a ancestralidade ameríndia diretamente conectada com a natureza, já que seus parentes são representados como árvores após a morte. A floresta é parte ativa da narrativa, guiando o protagonista em uma direção e conduzindo também a história.



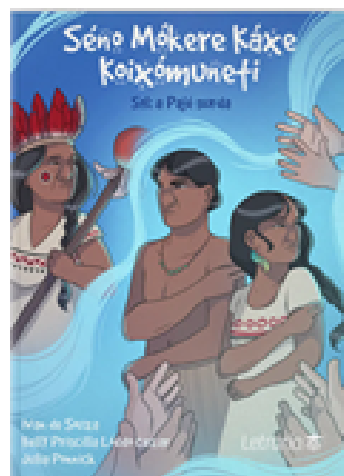
Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 137)



Fonte: Schimpp e Alcatena (2021, p. 142)

# SUGESTÕES DE OUTROS QUADRINHOS PARA TRABALHAR A TEMÁTICA INDÍGENA

Essa história é sobre Káxe, uma anciã indígena surda do povo Terena que exerce a função de pajé. A HQ vai tratar dos rituais e conhecimentos indígenas. O quadrinho tem autoria de Ivan de Souza, Kelly Priscilla Lóddo Cezar e Julia Ponnick, possui 64 páginas e foi publicado em 2021.



O autor guarani, Olívio Jekupé, trata nessa HQ sobre Karaí, menino que sempre escutou de seu povo as histórias de Jaxy Jaterê, protetor das florestas e das pessoas. Quando Karaí começa a frequentar a escola descobre o Saci-Pererê. Esse quadrinho trata sobre a importância de preservar as tradições orais e a memória dos povos originários. A HQ possui 32 páginas e foi publicada em 2021.



A HQ trata da chegada dos primeiros indígenas que vinham da Ásia, sua ocupação na América do Norte, os povos indígenas da América como os maias e incas, a chegada dos portugueses na América Portuguesa. O quadrinho traz aspectos do século XVI e do século XX. A HQ possui autoria de Sérgio Macedo, publicado em 2023 e possui 88 páginas.



O quadrinho narra a história do líder indígena Manao Ajuricaba, no século XVIII, tratando sobre a resistência anticolonialista dos povos originários. Essa HQ trata das violações dos direitos fundamentais das nações indígenas. A história em quadrinhos foi publicada em 2020, com 136 páginas e autoria de Ademar Vieira, Jucylande Júnior e Tieê Santos.

O tema principal dessa HQ é a recuperação das terras indígenas Tupinambás, das quais esses povos foram expulsos pela colonização e continuam sem acesso nos dias atuais. Esse quadrinho tematiza as memórias, cultura e visão de mundo dos povos originários. A história em quadrinhos possui autoria de Daniela Fernandes Alarcon, publicada em 2020 e possui 172 páginas.



A HQ tematiza o contato, quase sempre violento, entre indígenas e não indígenas ao longo da história brasileira. Alguns temas tratados nesse quadrinho: antropofagia e o xamanismo. O quadrinho possui 104 páginas, foi publicado em 2020 e tem autoria de André Toral.

## ETAPA 1

### 1 AULA

Questionário diagnóstico com o objetivo de ter acesso aos conhecimentos prévios dos estudantes.

1. Como você classificaria sua cor, segundo as categorias usadas pelo IBGE?

( ) branca ( ) parda ( ) indígena ( ) preta ( ) amarela

**Por que você escolheu essa categoria?**

2. Você acredita que os eventos do passado devem ser repetidos ou não? Por quê?

3. A História aprendida na sala de aula tem alguma relação com o presente? Caso tenha, qual?

4. A História pode nos ajudar a pensar o futuro? Se sim, como?

5. A história do Brasil tem mais em comum com a história da Europa ou com a história dos países da América Latina? Por quê?

6. O que você sabe do Brasil antes da chegada dos portugueses?

7. Como a história do Brasil começou?

## CAPÍTULO VI

### PROPOSTA PEDAGÓGICA

## Ressignificando os quadrinhos nas aulas de História: fomentando a consciência histórica

Público-alvo: 7º e 8º anos



## ETAPA 2

### 4 AULAS

*Leitura dos contos “Nascer” e “Trocar” de A Infância do Brasil e debate em sala de aula. Realizar as atividades após a leitura de cada conto. Nesta parte, sugerimos uma leitura conjunta com os estudantes para que o professor(a) possa introduzir aspectos da linguagem dos quadrinhos e, além disso, já que existem vários personagens, os discentes podem se revezar na leitura. Após ler e responder as atividades, explicar os termos usados no quadrinho para se referir aos povos indígenas, debater e problematizar a perspectiva histórica da HQ com dados sobre a história indígena do Espírito Santo.*

# Sugestão de prática de análise e interpretação do conto “nascер”

Primeiro observe a cena a seguir:



Fonte: AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2022, p. 11.

- 1) A cena a seguir te remete a algum momento histórico? Qual?
- 2) Essa história é contada a partir de qual ponto de vista?

Tendo em mente o conto como um todo, responda:

- 4) O título “Nascер” se refere ao nascimento de que?
- 5) Qual o tema principal do quadrinho?
- 6) Podemos fazer alguma conexão desse conto com os dias atuais? Se sim, quais?

3) Observe as imagens a seguir:



Fonte: AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2022, p. 16.

Agora responda:

- a) Como os indígenas estão representados no conto?
- b) Qual a participação dos indígenas no conto?

# Sugestão de prática de análise e interpretação do conto “Trocar”

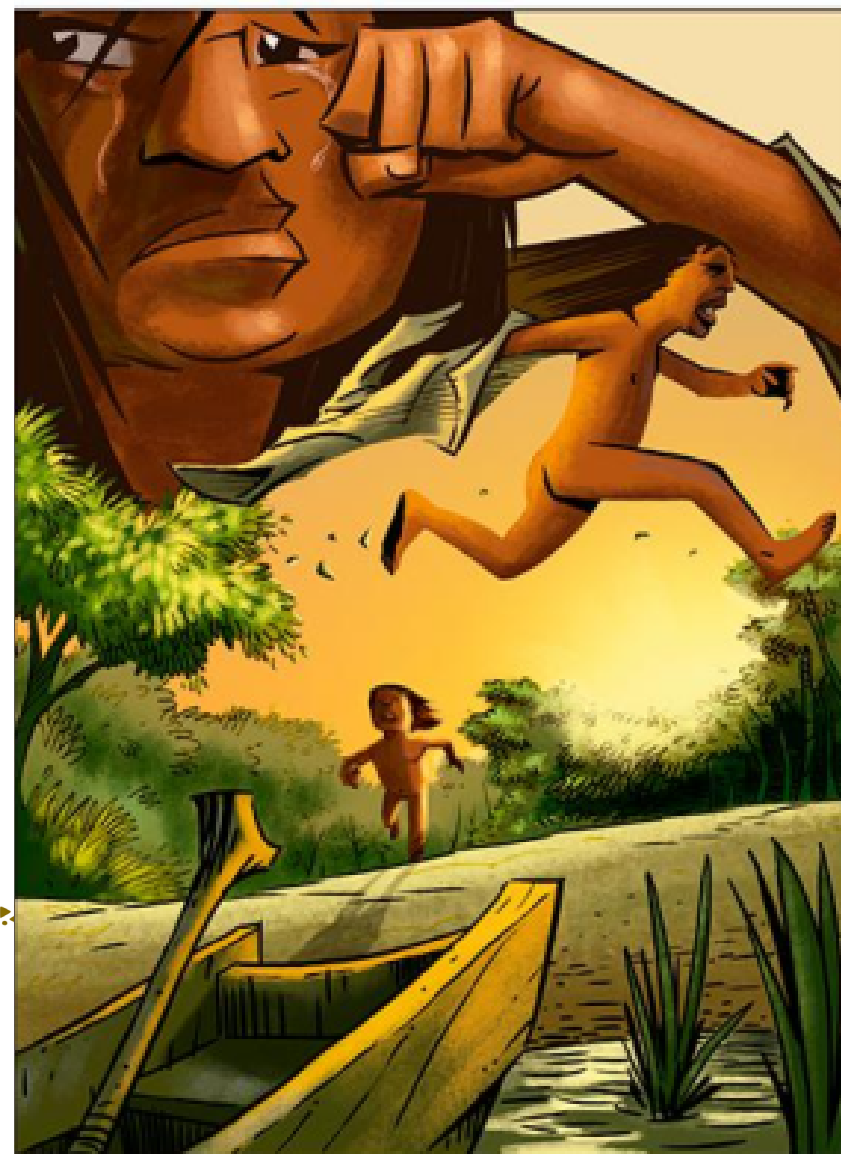
1) Interprete as imagens a seguir e crie teorias do por que nessas cenas não há diálogo nas primeiras páginas:



- 2) Os jesuítas valorizavam a cultura indígena? Justifique.
- 3) Como os jesuítas percebem os povos indígenas?
- 4) Por que o nome do conto seria “trocar”?

Fonte: AGUIAR, José. A infância do Brasil. São Paulo: Nemo, 2022, p. 25-27.

5) Observe a cena a seguir e diga o que ela representa.



Fonte: AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2022, p. 35.

## ETAPA 3

### 4 AULAS

Leitura dos contos “Kyehe e o Wendigo” e “Os murmúrios do bosque” de *Crônicas Ameríndias* e debate em sala de aula. Realizar as atividades após a leitura de cada conto. Por ser um conto com menos diálogos, sugerimos a leitura individual do conto, sem interferência do docente na medida do possível, ou pequenas rodas de leituras organizadas pelos próprios estudantes. Explicar os conceitos de realismo mágico e perspectivismo ameríndio e, após ler e responder as questões, debater sobre as diferenças entre as duas HQ's lidas.

# Sugestão de prática de análise e interpretação do conto “Kyehe e o Wendigo”

- 1) Essa história é contada a partir de qual ponto de vista?
- 2) Como o conhecimento desse povo é passado de geração em geração?
- 3) Sobre a imagem a seguir, responda:



Fonte: SCHIMPP, Gustavo; ALCATENA, Enrique. Crônicas Ameríndias. São Paulo: Comix Zone, 2021, p. 7.

- a) De que maneira os indígenas marcam a contagem do tempo?
- b) Qual a diferença dessa forma de perceber a passagem do tempo para os dias atuais?

4) Sobre a figura do Wendigo, observe a imagem abaixo e responda:

- a) Para os povos originários, o Wendigo era uma figura real ou não? Justifique.
- b) O que o Wendigo simboliza no conto?



Fonte: SCHIMPP, Gustavo; ALCATENA, Enrique. Crônicas Ameríndias. São Paulo: Comix Zone, 2021, p. 7; 130.

Sobre o conto como um todo, responda:

- 5) Qual a diferença da ideia de honra entre a versão mais nova e a mais velha de Kyehe?

# Sugestão de prática de análise e interpretação do conto “Múrmurios do Bosque”

- 1) Observe a imagem abaixo e responda:
  - a) Qual a diferença da representação dos indígenas nas HQ's?



Fonte: AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2022, p. 16; SCHIMPP, Gustavo; ALCATENA, Enrique. *Crônicas Ameríndias*. São Paulo: Comix Zone, 2021, p. 7.

Sobre o conto no geral, indique:

- 2) Em que momento a história mostra como os indígenas percebem o meio ambiente e a natureza?
- 3) Como essa relação com a natureza se diferencia dos dias atuais?
- 4) Cite os elementos mágicos ou fantásticos que você conseguiu identificar no conto:
- 5) Como os povos originários entendem a morte no quadrinho?
- 6) Podemos fazer alguma relação do conto com os indígenas da

## ETAPA 4

2 AULAS

A partir dos conhecimentos adquiridos sobre as culturas indígenas que estudamos, crie um personagem indígena. Sua tarefa é produzir uma história em quadrinhos curta ou escrever um texto narrativo sobre esse personagem, utilizando elementos reais da cultura e da cosmovisão indígena pesquisada.

### QUESTÕES ORIENTADORAS PARA CONSTRUIR A NARRATIVA

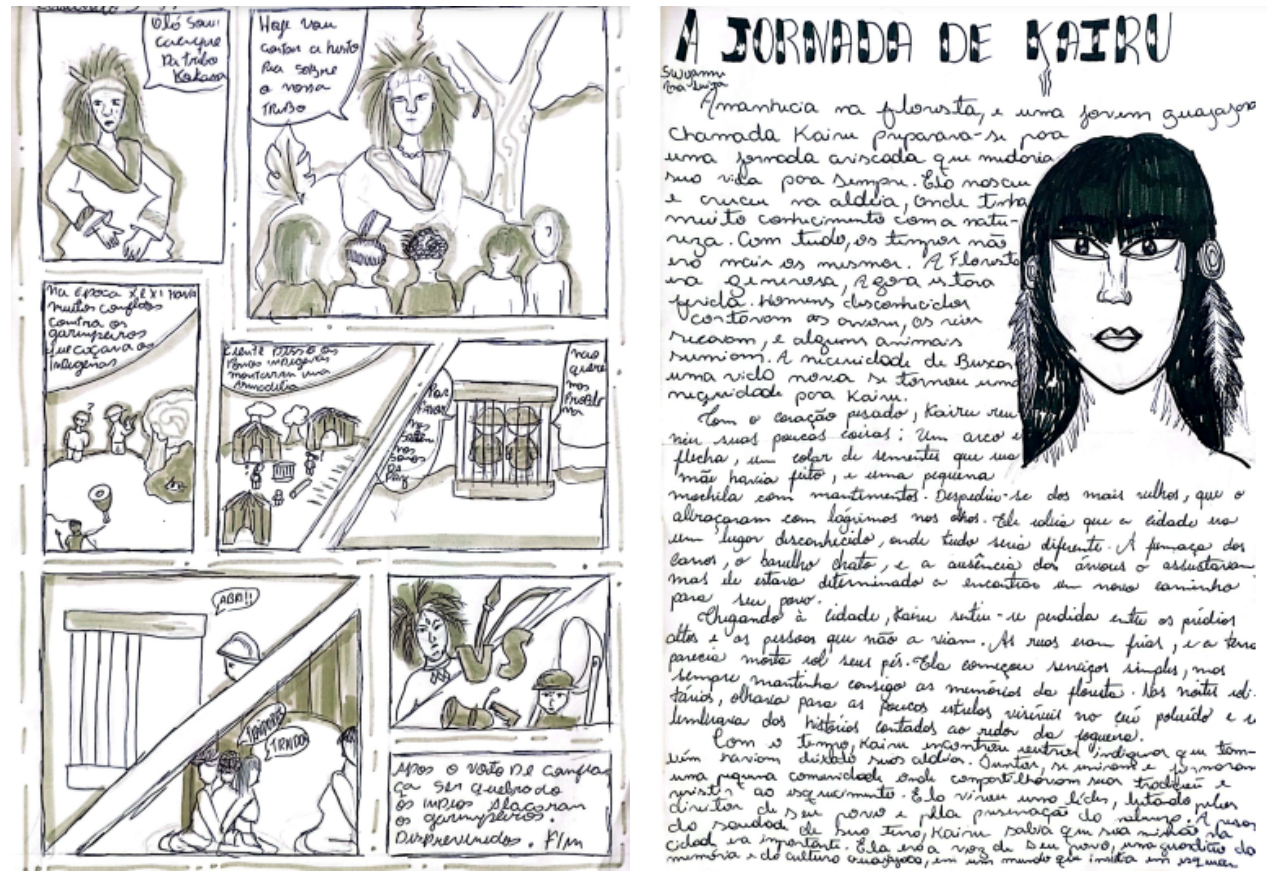
A partir de pesquisas sobre os povos indígenas do Brasil e de seu estado, crie seu personagem e elabore a história se baseando nas seguintes perguntas:

1. *Quem é o seu personagem:* Qual é o nome dele(a)? A que grupo indígena ele(a) pertence? Qual é o papel dele(a) na comunidade (caçador, guerreiro, curandeiro, líder, etc.)?
2. *Como é a vida cotidiana do seu personagem:* O que ele(a) faz no dia a dia? Como ele(a) interage com a natureza ao seu redor? (Caça, pesca, agricultura, rituais, etc.). Quais são os principais valores e tradições que ele(a) segue na comunidade?
3. *Quais são os desafios que o personagem enfrenta:* Que tipo de desafios ou ameaças ele(a) enfrenta (de outros grupos, da natureza, de colonizadores)? Como ele(a) lida com esses desafios? Quais estratégias utiliza para superar as dificuldades? Quais são os momentos importantes da vida do personagem? Houve algum evento significativo que mudou a vida do personagem ou da comunidade? Esse personagem participou de algum ritual importante? Como foi essa experiência?
4. *Como o personagem vê o mundo:* Quais são as crenças espirituais ou mitológicas do personagem e do seu povo? Como essas crenças influenciam suas ações e decisões? Como ele(a) se relaciona com a natureza e com os outros seres vivos?
5. *Como termina a história:* Qual é o desfecho da aventura ou da situação vivida pelo personagem? O que ele(a) aprende ou ensina com essa experiência?

# Aspectos para levar em consideração ao criar uma história em quadrinhos (sob orientação do(a) professor(a):

- ➔ Estilo do desenho e as cores que os representam;
- ➔ Expressões dos personagens, cenários e história com início, meio e fim;
- ➔ Tipos de balões;
- ➔ Onomatopéias;
- ➔ Formato dos quadros;
- ➔ Perspectiva da qual a história está sendo contada.

## EXEMPLOS



Fonte: produzido pelos estudantes Eduardo, Ana Luiza e Swyanne, 2024.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este material didático buscou reunir e apresentar, de forma introdutória, aspectos da história e cultura dos povos indígenas do Espírito Santo, tendo tido o objetivo adicional de refletir sobre nossas raízes e sobre a história que construímos nos dias de hoje a respeito das populações ameríndias do passado e do presente.

Além disso, buscamos criar mecanismos para que os(as) professores(as) se sintam seguros com a linguagem dos quadrinhos para se arriscar a analisar outras HQ's e usá-las nas aulas de História como uma forma de estimular a leitura e, por consequência, fomentar competências narrativas e outras habilidades da consciência histórica.

Os discursos eurocêntricos ainda permeiam a História, os livros didáticos e a sociedade até os dias atuais, principalmente através de fenômenos como o racismo, o sexismo e o preconceito em relação às classes subalternas. É nesse sentido que temos a esperança de incentivar práticas de ensino que desafiem as narrativas coloniais que diminuem a importância de grupos historicamente marginalizados no

Brasil e no continente latino-americano como um todo. Isso significa não apenas que deixemos de utilizar o norte-atlântico como nossa única referência para pensar a história, mas que passemos a conceber os espaços de troca e os olhares do “Outro” como um novo ponto de partida de nossa compreensão das relações entre passado, presente e futuro em nossa sociedade.

Esperamos que este produto educacional, fruto de nossa pesquisa, possa servir como incentivo para a aplicação de outras práticas didáticas baseadas em quadrinhos e no ensino de humanidades. Conseqüentemente, esperamos oferecer bases para uma nova visão sobre os povos originários em sala de aula, contribuindo assim para a formação de estudantes que respeitem as diferenças, e que sejam capazes de estimular o debate, o diálogo com o outro e o respeito à democracia.

## REFERÊNCIAS

- A GAZETA. Marco zero da colonização é inaugurado no Parque da Prainha. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/es/cotidiano/marco-zero-da-colonizacao-e-inaugurado-no-parque-da-prainha-0524>. Acesso em: 06 jul. 2024.
- A GAZETA. Gruta do Limoeiro: História e curiosidades da caverna em Castelo. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/capixapedia/gruta-do-limoeiro-historia-e-curiosidades-de-caverna-em-castelo-1022>. Acesso em: 19 set. 2024.
- AGUIAR, José. *A infância do Brasil*. São Paulo: Nemo, 2022.
- AMAZÔNIA REAL. Ailton Krenak na ABL. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/ailton-krenak-na-abl/>. Acesso em: 25 set. 2024.
- ANJOS, Fabio. *Webcomic A Infância do Brasil: As Mediações Culturais entre Tecnologia e Quadrinhos*. 2017. 104 f. Dissertação (mestrado em Tecnologia e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Tecnologia, Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2017.
- ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO. Tupiniquim de Aracruz resgata sua língua nativa. Disponível em: <https://www.al.es.gov.br/Noticia/2021/04/40822/tupiniquim-de-aracruz-resgata-sua-lingua-nativa.html>. Acesso em: 13 out. 2024.
- ASSOCIAÇÃO TURÍSTICA DE PEDRA AZUL. Disponível em: <http://www.pedraazul.com.br>. Acesso em: 21 nov. 2024.
- BENTIVOGLIO, Julio Cesar (Org.). *História dos povos indígenas do Espírito Santo: Os Goitacá*. Serra: Milfontes, 2022.
- BENTIVOGLIO, Julio Cesar (Org.). *História dos povos indígenas do Espírito Santo: Os Guarani*. Serra: Milfontes, 2019.
- BENTIVOGLIO, Julio Cesar (Org.). *História dos povos indígenas do Espírito Santo: Os Krenak*. Serra: Milfontes, 2019.
- BENTIVOGLIO, Julio Cesar (Org.). *História dos povos indígenas do Espírito Santo: Os Puri*. Serra: Milfontes, 2017.
- CALÇA, Rafael; PETER, Cris. *O Saci Verdadeiro*. São Paulo: Editora Mundo Fantasma, 2017.
- CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- CHIAMPI, Irleamar. *O realismo maravilhoso: forma e ideologia no romance hispano-americano*. São Paulo: Perspectiva, 2012.
- ESTADO DE MINAS. Daniel Munduruku vai falar sobre seu universo literário em live infantil. Disponível em: [https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/24/interna\\_cultura,1289507/daniel-munduruku-vai-falar-sobre-seu-universo-literario-em-live-infantil.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/07/24/interna_cultura,1289507/daniel-munduruku-vai-falar-sobre-seu-universo-literario-em-live-infantil.shtml). Acesso em: 25 set. 2024.
- FREIRE, Paulo. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.
- FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação - uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.
- FOLHA VITÓRIA. Aniversário de Vila Velha: feriado hoje com shows de graça; programação completa. Disponível em: <https://www.folhavitoria.com.br/geral/noticia/05/2024/aniversario-de-vila-velha-feriado->

- [hoje-shows-de-graca-programacao-completa](#). Acesso em: 06 jul. 2024.
- FUNAI - Fundação Nacional do Índio. Painel Terras Indígena no Brasil: Dados das terras indígenas no Brasil. Brasília: FUNAI, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/geoprocessamento-e-mapas>. Acesso em: 06 jul. 2024.
- KRENAK, Ailton. *A vida não é útil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.
- KRENAK, Ailton. *O amanhã não está à venda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.
- LOUREIRO, Klitia. *História dos povos indígenas do Espírito Santo*: Os Tupiniquim. Serra: Milfontes, 2019.
- IJSN - Instituto Jones dos Santos Neves. Censo Demográfico 2022: Primeiros resultados. População indígena no Brasil e no Espírito Santo. Espírito Santo, IJSN, 2022. Disponível em: [https://ijsn.es.gov.br/Media/IJSN/PublicacoesAnexos/sumarios/IJSN\\_Censo\\_2022-Populacao\\_Indigena.pdf](https://ijsn.es.gov.br/Media/IJSN/PublicacoesAnexos/sumarios/IJSN_Censo_2022-Populacao_Indigena.pdf). Acesso em 06 jul. 2024.
- MELLO, João S. *Ajuricaba*. São Paulo: Editora Cia. das Letras, 2017.
- MONUMENTO AO ÍNDIO (Arariboia) EM ESTADO FRAGMENTÁRIO. Disponível em: <https://centrodevitoria.com.br/monumento-ao-indio-arariboia/noticias/centro-historico/>. Acesso em: 28 nov. 2024.
- MOON, Fábio; BÁ, Gabriel. *Os Donos da Terra*. São Paulo: Editora Devir, 2008.
- MUNDURUKU, Daniel. *Vozes ancestrais: dez contos indígenas*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2007.
- MUNDURUKU, Daniel. *Coisas de índio: versão infantil*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2009.
- MUNDURUKU, Daniel. *O karaíba: uma história do pré-Brasil*. São Paulo: Editora DCL, 2014.
- MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando 1: sobre saberes e utopias*. São Paulo: Cortez, 2015.
- MUNDURUKU, Daniel. *Mundurukando 2: sobre vivências, piolhos e afetos: roda de conversa com educadores*. São Paulo: UK'A Editorial, 2017.
- NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *A narrativa histórica de superação do atraso: um desafio historiográfico do Espírito Santo*. Serra: Editora Milfontes, 2018.
- RAMOS, Paulo. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2009.
- RÜSEN, Jörn. *Teoria da História: uma teoria da história como ciência*. Curitiba: Editora UFPR, 2015.
- SCHIMPP, Gustavo; ALCATENA, Enrique. *Crônicas Ameríndias*. São Paulo: Comix Zone, 2021.
- SÉCULO DIÁRIO. Justiça condena União, MG e Funai por Reformatório Krenak da ditadura militar. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/justiaa/justica-condena-uniao-mg-e-funai-por-reformatorio-krenak-da-ditadura-militar/>. Acesso em: 19 set. 2024.
- SOMBRA, Fábio; PIMENTEL, Felipe. *A Alma que Caiu do Corpo*. São Paulo: Editora Veneta, 2019.
- TRIBUNA ONLINE. Aniversário de Vila Velha terá festival com mais de 30 shows de graça. Disponível em: <https://tribunaonline.com.br/entretenimento/agenda-cultural/aniversario-de-vila-velha-tera-festival-com->

[mais-de-30-shows-de-graca-182166?home=esp%C3%A0drito+santo](https://www.gazeta.com.br/mais-de-30-shows-de-graca-182166?home=esp%C3%A0drito+santo). Acesso em: 06 jul. 2024.

TAVEIRA, Vitor. Projeto Língua Viva divulga arte indígena e língua tupi. *Século Diário*, 2021. Disponível em: <https://www.seculodiario.com.br/cultura/projeto-lingua-viva-divulga-arte-indigena-e-lingua-tupi/>. Acesso em: 30 nov. 2024.

VALENTE, Kátia. *Séno Mókere Káxe Koixómuneti*. São Paulo: Editora Peirópolis, 2016.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. *Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 7-30.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. *Mana*, v. 2 , p. 115-144, 1996.

WIKIPÉDIA. História pra ninar gente grande. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria\\_pra\\_Ninar\\_Gente\\_Grande](https://pt.wikipedia.org/wiki/Hist%C3%B3ria_pra_Ninar_Gente_Grande). Acesso em: 19 set. 2024.

WIKIPÉDIA. Monumento às Bandeiras. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento\\_%C3%A0s\\_Bandeiras](https://pt.wikipedia.org/wiki/Monumento_%C3%A0s_Bandeiras). Acesso em: 25 set. 2024.

XIMENES, Leonel. Colonização do solo espírito-santense: uma celebração ao massacre. *A Gazeta*. Disponível em: <https://www.agazeta.com.br/colunas/leonel-ximenes/colonizacao-do-solo-espírito-santense-uma-celebracao-ao-massacre-0524>. Acesso em: 06 ago. 2024.